

# AUTORES & LIVROS

26/4/1942  
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHA"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mário  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Nº 13

## Notícia sobre Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo nasceu em São João de Itaboraí, na província do Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1820. Era filho de Severino de Macedo Carvalho e de dona Benigna Catarina da Conceição. Fazendo os estudos primários e de preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Aos 24 anos e pouco, doutorava-se, escrevendo uma tese sobre "A Nostalgia".

No mesmo ano em que se formou — 1844 — e estando ainda na Faculdade, publicou o seu primeiro romance: "A Moreninha". Era uma novela graciosa e agradável, e se tornou imediatamente uma das leituras prediletas do público brasileiro. Esta primeira edição, da qual nem um dos biógrafos de Macedo menciona a tipografia, trazia estampas e música adequada à balada que a Moreninha cantava no rochedo. É esse um dos livros que maior número de edições teve feito no Brasil, sendo fácil afirmar que só estará abaixo das "Primaveras" de Cosmeiro de Abreu, da "Incaína" e do "Guarani", de Alencar.

Foi Macedo o orador da sua turma, tendo preferido, no solemnidade, um discurso, que depois tirou num fôrma de oito páginas.

No ano seguinte, publicava "O Moço Louro", livro que igualmente ficou sendo das mais famosas de sua época bibliográfica. Nesse mesmo ano de 1845, foi Macedo admitido, como membro efetivo do Instituto Histórico. Ali esteve durante trinta e sete anos. De 1857 a 1881 foi o

orador da veneranda instituição, cargo em que sucedeu a Porto Alegre e onde foi substituído por Franklin Tavares, que lhe pronunciou o elogio. Em 1876, sede vice-presidente do Instituto Histórico, exerceu interinamente a sua presidência. Foi também durante algum tempo o seu primeiro secretário. No cargo de orador, Macedo pronunciou nove discursos 20 discursos. De 1852 a 1856 redigiu os relatórios da casa.

Simultaneamente com essa atividade, ia publicando a sua extensa obra de romancista: em 1848, os "Dois Amores"; em 1849, "Rosy"; em 1853, "Vicentina"; em 1855, "O Farolheiro" e "A Carteira de meu Iúlio"; em 1865, "O culto do dever"; em 1867, os "Memórias do sobrinho de meu tio"; em 1869, "A Luíza Mágica"; os "Vilões algozes"; o "Rio do Quarto"; "Nina"; em 1870, "A Namoradeira"; em 1871, "Um novo e duos novos"; em 1872, "O outro ponto cardíaco"; em 1876, "A Baronesa do Amor". Ao lado dessa produção incessante como romancista, dava a sua larga produção como teatrólogo, como estudioso de assuntos de história, como jornalista.

Nessa última atividade, fundou, juntamente com Porto Alegre, Gonçalves Dias, a revista "A Guaporé", das mais características do seu tempo e cujos números os estudiosos da história literária do Brasil sempre consultaram com vantagem. Joaquim Manuel de Macedo teve igualmente sua atividade política, iniciando-a como deputado à Assem-

bídia Provincial do Rio de Janeiro, em 1854. Na 12.ª Legislatura, de 1864-1866, representou, na Assembleia Geral Legislativa, a sua província. Foi ainda deputado ao legislador de 1867-1868 e no de 1873-1881.

Sua carreira primordial foi, entretanto, ao lado da de homem de letras, a de professor. Foi ele mestre de História e Corografia do Colégio Pedro II, e boa parte de sua obra foi escrita para atender às necessidades de seus alunos e em geral dos estudantes. Estô nessa casa o livro intitulado "Lígios da História do Brasil", publicado em 1861, "para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II", livro que há dez anos se achava na sua nova edição (Garantia). Estô igualmente nesse caso o livro intitulado "Lígios da História do Brasil", para uso das escolas de instrução primária, e assim assim as "Noções de Corografia do Brasil".

Joaquim Manuel de Macedo faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1882.

Catorze anos depois de sua morte, ao constituir-se a Academia Brasileira de Letras, foi ele escolhido por Salvador de Mendonça — seu conterrâneo, filho como ele de Itaboraí — para patrono de uma das cadeiras. Seu nome fulge hoje sobre a poltrona nº 20, na qual Salvador de Mendonça foi substituído por Emílio de Menezes, e no qual posteriormente se sentou Humberto de Campos.

Macedo é, sem dúvida, um dos autores mais lidos da literatura brasileira, nos dias de hoje, como o foi nos dias passados. Tem por si os maiores, os que começam a ferir, os que não atingem a um certo grau de exigência e de requinte, em matéria literária. Escritor sem nenhuma profundidade, todo de superfície, ele se deleita em narrar os coisas mais simples da vida. O quadro raso e insípido de um idílio de estudantes e meninos trêgas, a vaga história de um namoro qualquer sem malícia, sia entre outros, os temas em que se move, delicado.

Isto é — convivemos — muito pouco. E hoje, se quisermos julgar Macedo com o nosso gosto exigente, só um critério da arte complexa, tendo em vista o romance depois das tragédias e infinhas sondagens que nos ensinaram os autores russos, os ingleses e alguns franceses. Iremos considerar um caso totalmente perdido o do autor de "Moreninha" e de "Moço Louro".

Esse é o ponto de vista que tem sido adotado pelos críticos brasileiros da geração presente: e daí esse desdenhoso intolerância, com que vemos quase sempre julgado o velho romancista.

Mas uma tal maneira de julgar nos parece inadequada. Macedo deve o seu momento, e é colocando-o em seu momento que o devemos julgar. Nesse critério, iremos ver que a sua contribuição para o romance brasileiro chegou a ser considerável. Há críticos dos mais eminentes que o consideram o criador do nosso romance. Esse é o opinião de José Ribeiro, essa é a opinião de Ronald de Carvalho. Em sua hora, sua influência foi profunda e fecunda. Ele influenciou Alencar, Taunay, tantos outros.

Cumpre, portanto, sem elevar demasiadas medidas o mérito de sua obra, dar-lhe, com inteira justiça, o lugar que lhe é devido em nossa literatura.

(Prefácio de "A Moreninha", edição da Annals do Brasil, Rio.)



JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

## SUMÁRIO

PÁGINA 199:

- Notícia sobre Joaquim Manuel de Macedo.
- Macedo, julgado por Jackson de Figueiredo.
- Sumário.

PÁGINA 207:

- *O concreto de originalidade e outros*, de D. Milano.
- *Armidilda*, poema de Murilo Mendes, com ilustração de E. Marciac.

PÁGINA 208:

- *Mundo sem ideal*, de Darcy Azambuja.
- *Nomenclatura química*, de Antenor Nascentes.

PÁGINA 209:

- *Belas orgulhos*, conto de José Rodrigues Miguéis, com ilustração de Osvaldo Goeldi.

PÁGINA 210:

- Algumas páginas de Joaquim Manuel de Macedo: *A primeira moça* — *A vida de Itaborai* — *O herói patrio* — *O Passado Públlico* em 1873.
- Joaquim Manuel de Macedo na opinião de Ronald de Carvalho.
- *O passado*, de J. M. de Macedo.

PÁGINA 201:

- *A compensação do Amor*, de Joaquim Manuel de Macedo.

PÁGINA 210:

- *Um comentário em torno de "Autores e Livros"*, de Mário Leão.
- *Roque Pinto no Paraguai*, de Gilberto Freyre.

PÁGINA 211:

- Contra as forças da Inconfidência. Uma entrevista do escritor Ernest Robert Curtiss, em 1935, defendendo a cultura humanística.

PÁGINA 212:

- *Alfonsus de Guimaraens Filho — Ternura portuguesa*.

PÁGINA 213:

- *Pequena teoria da bondade brasileira*, de Cassiano Viana (da Academia Brasileira).

PÁGINA 214:

- *Iniciação num certo hemiquerer*, de Ribeiro Couto.

PÁGINA 215:

- *O zorro*, de Joaquim Manuel de Macedo.
- Galeria de nomes ilustres.

PÁGINA 216:

- *Um poema de Afonso Arinos de Melo Franco*.
- *Dirceu e Marília* ( cena final), de Afonso Arinos de Melo Franco.
- *Elegiáclides da Academia*.

# A POSIÇÃO DE MACEDO NA LITERATURA BRASILEIRA - CONSTANCIO ALVES

A Academia Brasileira de Letras inicia hoje, com a sessão em honra de Joaquim Manuel de Macedo, a comemoração do centenário dos seus membros. Logo no período de formação, cuidou a Academia em dar à sua vida a solenidade do passado. Presente e futuro ganhariam com esse acréscimo de glórias remotas.

O que vinham compor à coletividade dos quarenta, traziam para enriquecer a instituição nascente nomes de outrora e com essa radiação de celebridades longínquas, impunham ao novo a respeitabilidade de tradição.

Cada acadêmico escolheu o seu padrinho. Assim se formou, com essa eleição de mortos, uma outra Academia, academia de sombras que a simpatia, o respeito e a admiração dos vivos ressuscitavam.

Gracias a essa ficção, a Academia, mal se inaugurou, contava já séculos; os seus anciãos, na cedela dos tempos, iam até os dias em que alvorecer o pensamento brasileiro. E' certo que com os antepassados a quem a imortalidade acadêmica não premiou — talvez pudéssemos constituir — uma outra Academia dos Esquecidos. Mas os novos eram quarenta e os velhos excediam de muito esse número. Alguns haviam de ser sacrificados às exigências do que, com espírito, Joaquim Nabuco — denunciou o metrópolita acadêmico francês. Nem mais, nem menos.

\* \* \*

Joaquim Manuel de Macedo entrou pela mão de Salvador de Mendonça, e ninguém dirá que o amoroso cultor das rosas foi injusto elegendo para seu patrono o autor de "Rosa".

Se acaso, outros motivos, além dos literários, inspiraram essa preferência, o que não faz dúvida é que o escritor da "Moreninha" merece fazer parte dos velhos que, na situação de fantasma, pertencem à mesma companhia.

Ele é personagem considerável na nossa literatura, e quem escrever a história dela não poderá esquecê-lo.

Fazia quantitas restrições fazer o crítico acerca do merecimento desse homem que deixou tantas obras; mas forçoso é que registre o nome que foi extraordinariamente popular, que lhe cito os volumes numerosos.

Eles estão ali desafiando os que quiserem evitá-los com pernas audaciosas.

Pode ser — o que não é exato — que hoje não digam nada a ninguém, mas em certa época discerniram tudo ao Brasil inteiro, que em tantas páginas, agora esquecidas, se viu como num passo.

Hoje esse espelho grande não refletiria inteiramente as mesmas imagens, outras figuras vieram com outros sentimentos; mas não será difícil apontar no que é recente traços do que passou.

Procurem bem, e encontrarão aqui ou ali o moço louro e a moreninha.

Refletor da realidade ambiente, Macedo registrou de preferência o efêmero, o que era superficial. Passaram as modas, os costumes são outros e assim o retratista fiel de aquele momento,

por não ter desejado ao fundo das almas, e não ter sabido separar o duradouro do transitório — parece agora quase morto com a sociedade morta que ele pintou e fez rir e até chorar.

Mas se alguém se der ao trabalho de procurar o que ainda responde — no que parece dominio exclusivo da arqueologia — encontrará sangue e vida num montão de pedras. Pertence acais as espécies extintas a "Namoradeira"? Ja o progresso varreu do mundo o capitão Tibério? Escutando bem não ouviremos ainda, sejam quais forem as alterações da letra, o amor paterno, repetir o desvanecimento de Basílio:

Ohi que sábio é o meu Juca  
Que cabeça de rapaz!

Nas muitas e muitas páginas que consagraram à política, nem todas deixaram de ser atuais. Não é necessário ainda o esgarçamento dos comentadores para a interpretação da "Carteira do meu tio", das "Memórias do sobrinho de meu tio", dos lances de comédia em que aparecem eleitores e se assiste à obra da soberania nacional.

Se me não engana a memória, ainda vigeam, ainda florescem em artigos de fundo e sátiras políticas — frases de Macedo, pilhérias de Macedo.

"O pão de lô do Tesouro" — não desapareceu do "menu" ou cardápio cotidiano da imprensa.

A caricatura dos dias de agora reedita sempre o gracejo fúnebre da Constituição enterrada, com o "aqui jaz" do esílio.

Mudamos de regime, mas o "humorismo" de outrora confirma.

Macedo não é tão defunto como se supõe, e não está inteiramente sepultado sob os volumes que produziu e que afirmam a multiplicidade de suas aptidões. Romancista, poeta, co-mediografo, historiografo, folhetinista — deixou, de seu grande labor, páginas que ainda lemos com agrado, que podem impressionar e que certamente ensinam.

O que faltou, a quem tocou em tantas cordas, foram dedos de artistas. Ele não teve, como Alencar, o dom do estilo, a felicidade de enlevar os seus patrícios com uma música que ainda não tinham ouvido. A prosa de Macedo é um pouco pesada e baixa; a sua música é um tanto surda. A sua graça faltam assas. Mas, essa interioridade é mal de muitos, e se fôssemos demasiado severos em julgar, a que estreiteza não reduziríamos o trabalho de tantos homens e de tantos anos?

Não somos tão ricos para desprezar o ouro encorpiado na obra copiosa e desordenada de escritores que, num meio hostil às manifestações do espírito literário, resignados à pobreza e à indiferença, foram formando, volume a volume, o monumento comemorativo da sua vida.

A atividade intelectual de Macedo, só interrompida pela morte, dâ-lhe o direito de receber as homenagens da Academia, de aspirar à simpatia dos que conhecem quanto há de cruel e ingrato nessa tarefa de escrever.

"Jornal do Comércio" — 24-6-920.

## O PASSADO

J. M. de Macedo

A terra desapareceu a meus olhos; por mais que olhou a vista, somente desabroho mar e céu.

Indivíduo melancolia se apodera de mim; parece-me que já não pertence ao mundo que habitava, como não vivo no presente; e, triste de mais para sonhar com o futuro, eu quero ao menos recordar o passado.

O momento é oportuno eu tenho a saudade no coração e a saudade pertence tanto ao passado como à esperança à toda inteira do porvir.

Quero lembrar-me dos meus belos anos já vividos! o passado é um lago mágico de gozos deleitoses quando a concordia não tem de que acusar de mal, e os remorsos não passam sobre o coração; e em momentos de doce melancolia, a alma deixa-se levar nas asas da memória a esses saudosos espacos decorridos, e arroja-se no famoso lago onde se banha toda esquecida dos pesares do presente, e ainda meus doces remores do futuro.

Há sempre nessa vida, que já se viveu, alguns dias de infeliz ventura, de ventura que se não apreender facilmente quando se estava vivendo, e que depois se vê a maior quando o espírito rumina o passado; há sempre dias amargos de saudade e infelicidade, que com matinha saudade são lembradas, e — ficam eternamente na alma, que se não esquecem nunca, que cada dia se tornam mais e mais vivas e que, em muitas ocasiões, a pensar nela, fazem-se lembrar, a force, mil vezes em uma hora, mil vezes em uma hora, semelhantes a essas meias simpatias que, sem que as modulemos contra a nossa vontade, soam dentro de nós cantadas docemente por nossa alma, no passeio, na assembleia, no trabalho, no leito e durante o sono.

Para um coração de manear, o porvir é um horizonte de fogo, o presente — um intrado coberto de espinhos e o passado — um jardim sentindo de flores; tenho tempo de sair para abraçar-me sonhando com o meu futuro; amanhã romparei de novo a minha roupa com as tormentas do presente; hoje, querer se é possível, tornar a viver o tempo que já vivi. Recordarei, portanto, meus belos anos.

Para um coração de manear, o porvir é um horizonte de fogo, o presente — um intrado coberto de espinhos e o passado — um jardim sentindo de flores; tenho tempo de sair para abraçar-me sonhando com o meu futuro; amanhã romparei de novo a minha roupa com as tormentas do presente; hoje, querer se é possível, tornar a viver o tempo que já vivi. Recordarei, portanto, meus belos anos.

As atribuições, não à malignidade de cavalheiros que muito prouam, mas antes à precipitação com que escreveram, urgidos talvez pelo prurido de condenar, em cinco minutos, uma laboriosa vida literária de quarenta anos.

**A glória de Macedo**

Goulart de Andrade

com exemplar fidelidade toda uma fase da nova vida social, durante o segundo império.

Assim, a romântica que ainda hoje faz o turismo sentimental à Pedra da Moreninha vem provar à sociedade quanto soube e despretensioso obreiro dar aquela literatura o senso da realidade.

Não gerou ele, portanto, a esmarenta donzelia com a memória da invenção meramente literária.

Com o sentimento verdíssimo e com a observação escrupulosa dos fatos foi que ele engendrou a sua mais bela criatura, porque se a sua inventiva fosse além da verdade, certamente a virginiana rosa não teria vivido na crença do povo, como viveu, e conforme todos ainda o imaginam...

E quem possue o dom mágico de animar assim séries incompreensíveis é, com efeito, um artista real-taurônico, ante cujas relíquias não se ajoelha apenas o povo da sua terra bem amada de Itaboraí, mas o do Brasil inteiro, que nela se gloria.

## A Morte de Macedo — Carlos de Laet

Já não existe o dr. Joaquim Manuel de Macedo.

O romancista, dramaturgo e poeta que por longos anos sentia vibrar unisono com o seu coração ingênuo e bom das muitidões — se não o de Aristóteles severissimos e ferocíssimos — o escritor laborioso, que lançou uma das primeiras pedras da nossa incipiente literatura, deitou-se a dormir para sempre na terra que lhe foi berço — a modesta vila de Ilaborda.

Por uma fatalidade, verdadeiramente lamentável, este homem, que nunca foi de luta ou de polémica, teve de sofrer, logo após sua morte, um julgamento não menos terrível que aquele a que os egípcios condenavam os seus Faraós; e nas colunas da imprensa, aliás tão prodiga de louvaninhas para mediocridades vivas, não seria difícil apontar amargas apreciações sobre o morto, e que não só de inopportunidade derivaram a sua amargura, o que forapouco, mas ainda, e principalmente, da injustiça que as impregna.

Foi assim que para explicar a imensa popularidade de Macedo, fato que não é serifamente contestável, escreveu-se que ele começara único, e de secundarismo e laureado literato fez-se uma espécie de fossil, enterrado no siluriano de uma sociedade nábia, e tão antiquado que, com prazer, só pode ser lido por gente da roga ou meninos de doze anos!

Eu comprehenderia este soberbo desdém pelos homens de ontem, se os de hoje se lhes

avantajasseem com covardes na estatura literária... Mas então os gigantes, hediondos produto de tão preconizada evolução científica? Onde o romance sociológico, darwiniano, engendrado segundo os processos modernos nas profundezas cerebrais de algum dos sucessores de Macedo, desses que ora o nivelam com o autor das histórietas de "João Rato" e da "Princesa Magalona", deixaram muito para acentuar crônicas ou divertir campões? Certo que os não vejo, aos tais gigantes desdenhosos!

O desconhecido rabiscador destas páginas efêmeras é também moço, sorve a largos hastos o melo em que se imergue, nem há por fim pregar a imobilidade com adoração do passado — esta declaração é necessária nos tempos que correm: — mas o que nunca admira é a injustiça feita a quem não se pode defender, nem o desprezo sistemático de ontem, só porque hoje é hoje.

Em nosso tempo predominam as tendências científicas e industriais; temos por alvo o verdadeiro, principalmente o útil, e descurramos o belo em suas múltiplas manifestações artísticas; donde, porém, nos viria o direito de apoiar o mérito dos pensadores que nos precederam? E depois, que censuras tão alheias aos bons métodos de crítica! Exprobar-se a Macedo o ter sido há quarenta anos o homem da sua época, é onus infantil: semelhante critica é bem capaz de lançar em resto ao Pombal o ter usado de

para acalentá-lo, não à malignidade de cavalheiros que muito prouam, mas antes à precipitação com que escreveram, urgidos talvez pelo prurido de condenar, em cinco minutos, uma laboriosa vida literária de quarenta anos.

Para acalentá-lo, não à malignidade de cavalheiros que muito prouam, mas antes à precipitação com que escreveram, urgidos talvez pelo prurido de condenar, em cinco minutos, uma laboriosa vida literária de quarenta anos.

Todavia, nem por ter ordinariamente a existência um desenvolvimento trágico, deixa de contar também, mercê de Deus, os seus filhinhos que chamarei ames. Eram essas horas fugidias as preferidas sempre por Joaquim Manuel de Macedo, e nenhuma se fixou entre nós com maior entusiasmo, porque a sua obra retrata

# Algumas páginas de Joaquim Manuel de Macedo

## A primeira moagem

Cristiano quis marcar a primeira moagem de seu engenho novo com a solenidade religiosa e pompeste, de que os antigos não prescindiam nunca em igual caso, e, que alguns repetiam no primeiro dia da moagem de todos os anos.

No corpo principal da fábrica estava armado um altar singelo e pequeno.

O engenho amanheceu todo ornado de ramos de palmeiras e de flores agrestes.

Dando o romper da aurora, os caixos armados de bandeiras e colúrios das durezas flores de ouro e de graciosas ramagens, estendiam canas para o povo, ao som das rudes cantigas dos carreiros.

Os escravos mostravam-se todos elegantes e valentes, os da sua roupa nova e limpa, e atentos ao canto da fazenda, que replicava cantilinando a festa do dia.

As seis horas da manhã, Cristiano entrou no engenho seguido de sua família e de todos os amigos.

Um sacerdote ajoelhou-se diante do altar, e entoou uma lamenada, respondida não só pelas seis horas e amigos de Cristiano, mas ainda por todos os escravos.

O padre ergueu-se repetindo as orações adequadas, bendiziu, uma por uma, e aspergiu com água benta todas as canas e peças da fábrica, convidando por pedir a proteção do Altíssimo a favor do fazendeiro e sua nascente lavoura.

Com tudo o ato religioso, Cristiano deu a voz para o começo da moagem.

As bestas já estavam presas no seu posto, e as alminharias, que deveriam ser ocupadas pelos escravos, foram de improviso conquistadas por Americo Comilo, Frederico e outro mancebo.

Benedito ofereceu, em uma espécie de prata, uma feixe de três mimosas canas, presas com laços de fita, a Adriana, para que ela fosse a primeira a dar às moendas o seu frutuoso alimento.

Cristiano, trazendo nos braços uma grande bandeja, cheia de outras iguais feixes de canas, foi oferecendo e reparando pelas senhoras, que se colocaram à distância convenientemente, para suceder a Adriana juntamente das moendas.

Vamos! bradou Cristiano.

Os quatro mancebos tocaram as bestas, e, ao som de alegres cantos, começaram elas a traçar.

Adriana estendeu os braços e entregou o seu feixe de canas moendas; depois delas vieram as outras senhoras fazer o mesmo, e o precioso caldo começou a correr no meio dos aplausos de toda a sociedade.

Alguns momentos depois, as senhoras entregaram o cuidado das moendas, e os mancebos, as alminharias, aos escravos desejosos de tomar o seu lugar.

A sociedade dividiu-se, então, em diversos grupos: uns passavam conversando no longo da extensa varanda, que desvassava toda a fábrica, ou, desbravados sobre o parapeito, acompanhavam o movimento do engenho, seguindo com os olhos os escravos que corriam do picadeiro para as moendas, levando sobre os ombros pesados feixes de canas, enquanto outros carregavam para fora os montes de bagaço resultante das canas já moidas.

Alguns examinavam as caldeiras e a fornalha dentro da qual crepitava a lenha que se queimava.

Outros visitavam a caixa de parecendo recrear-se entrelaça-

do encaixe, observavam o tanque do mel e a casa dos alambiques.

Dominando todo o ruído das conversações alegres que a cada canto se travavam, as cantigas agrestes mas melancólicas dos escravos que ocupavam as alminharias, se entornavam, umas depois de outras, no seio do engenho.

A alegria radiava em todos os semelhantes e a esperança no coração do fazendeiro.

Enfim! enfim... exclamou este depois de duas horas de trabalho da fábrica; enfim, elas aqui as massas da nossa moagem!

E dizendo isto, mostrava triunfalmente um criado, que o acompanhava, trazendo nos braços uma bandeja.

E logo, com tal exalação de prazer, que todos lho estavam lendos nos olhos, convidou a oferecer a seus hóspedes taça de cachaça de cana, que acabava de sair fervendo da taza.

"Vicentina" — 3<sup>a</sup> ed. Garnier — Tomo II, pág. 56.

## A VILA DE ITABORAHY

## O berço pâtrio

A vila de Itaborai, cabeça de uma das comarcas da província do Rio de Janeiro, está assentada sobre uma graciosa colina, pouco elevada, mas em situação tão feliz que do alto dela se domina e aprecia o mais belo quadro da natureza campestre. Por qualquer lado que se dilatem, os olhos se esquecem embobidos em imensos vales semeados de campos e estabelecimentos agrícolas, fazendas e sítios, e montes isolados; e, enfim, ao longe, muito ao longe, a serra dos Orgãos alçantilada imensa, remata esse painel magnífico, levantando uma trinchera que se perde nas nuvens, diante de olhar cubíope e insaciável.

Formosa pela sua posição, a vila, pequeno povoado que conta de pouco mais de cem casas, oferece uma edificação pouco regular e, sem dúvida, deficiente, como todas as cidades, vilas e povoações que tiveram seu princípio no tempo colonial; entretanto, ela se distingue por alguns edifícios, relativamente dignos de menção; a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da

província; possue uma casa de câmara municipal muito decente, uma casa de mercado, um teatro, e, entre as principais habitações particulares, a mais importante de todas, a casa em que se hospedaram el-rei Dom João VI e o sr. D. Pedro II, quando visitaram este ponto da província.

Uma grande praça, formando semicírculo em torno da matriz, e quatro ruas quase fronteiras umas das outras, comunicando com a praça, compõem a vila de Itaborai.

Dessas quatro ruas, uma tomou o nome do orago da paróquia: chama-se de S. João e é nela que se levanta a Casa do Mercado; a segunda, tem um nome triste, chama-se do Cemitério; porque, descendendo-se por ela, pobre rua sem casas, chega-se ao asilo dos mortos, ao cemitério da vila, que prima pela decência e pelo zelo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteira à de São João, embora de uma não se avista a outra, porque a matriz o impede; chama-se outrora a do Senhor do Bom Fim e chama-se agora do Teatro; porque este edifício, tendo a sua frente para a praça, oferece uma das suas faces laterais à rua que desce até terminar junto da capela do Senhor do Bom Fim, cortando em dois ângulos retos outra pequena rua, que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma o nome de Senhor do Bom Fim. Defronte da porta lateral da capela há uma casa com um limitadíssimo pátio, que eu não posso deixar de lembrar.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ai encetou a sua gloriosa carreira artística o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Com efeito é impossível negar que, em suas naturais e suavíssimas predileções, o coração distingue, sempre, em todos os distritos, cidades e diversos pontos do país o terrão limitado do berço pâtrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

E' por isso e por muito mais, é porque foi meu berço, berço daqueles a quem mais amei e amo, é porque no seu solo tenho sepulturas queridas, é porque desejo ter em seu campo um abrigo na minha velhice que comece, e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é, enfim, por todos esses laços da vida e da morte que a vila de Itaborai me é tão querida.

"O Rio do Quarto", 2<sup>a</sup> ed., pág. 58.

## Joaquim Manoel de Macedo na opinião de Ronald de Carvalho

Cabe a Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) o primordial lugar entre os fundadores do romance nacional. Foi ele o verdadeiro fixador dos nossos costumes, naquele época ainda colonial na maioria dos seus aspectos. Na imensa galeria das suas personagens há algumas, como a "Moreninha" e o "Moço Louro", que ainda vivem na memória de todos, que ainda tem "presente" real, embora os anos hajam corrido às dezenas, desde a sua ruidosa aparição.

Macedo comprehendeu admiravelmente as tendências da nossa alma popular, sentimental e plegas, e fez, com pequenas intrigas ingênuas, à maneira de um Bernardin de St. Pierre atraçado e rústico, a sua história íntima e simplicia. Chorou e riu largamente, do mesmo modo que as suas melancólicas leitoras; contou as suas anedotas, sem sal nem sangue, com a pachorrenta fantasia de um pacato burguês, funcionário público e chefe de numerosa prole, recatada e limpa. Não desceu à escabroa sargentia de Aluizio, não penetrou muito menos na consciência dos outros, como fazia Machado de Assis, com aquele seu ar de timido deslizado e indiferente, nem tampouco se elevou no lirismo delicioso de Alencar. Ficou entre duas águas, nem muito abafado nem muito aclama. Seus namoricos, são por via de regra, inocentes diversões, não passam do portão da rua, ou, quando passam, acabam em casamento, com todas as formalidades de um novado honesto, vigiado por irmãs solteironas e tias velhas.

Macedo não amava os escândalos, nem os crimes sensacionais; sua pena n'nda tinha pudor, era sossegada, bonacheirona e católica. Seus atrevimentos não iam além de algumas considerações cheias de bom senso vulgar e prático, desse bom senso apanágio das "pessoas de experiência", que se vingam da velhice achacada e valetudinária dando conselhos, contrariando vontades, rabujando e praguojando contra as "inovações", as "modas audaciosas" e desmoralizadoras"...

Nesse terreno ele sabia pisar como ningum. Se nos permitem a expressão, foi Macedo um escritor de sala de Jantar, do recesso da família brasileira, séria e sisuda, amiga de uns tantos preconceitos, muito mais louváveis, aliás, do que esse filosofismo perioso, posto em prática por certos casquinhos "fin de siècle", pendentes e amorais.

Seu estilo, a não se rna poesia enfática e palavrassa, é corrente, agradável, flue serenamente, é vivo e leve. Falta-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correto no desenho das criaturas e na descrição das paisagens, posto lhe não seja castiga a dição.

Seu estílo, a não se rna poesia enfática e palavrassa, é corrente, agradável, flue serenamente, é vivo e leve. Falta-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correto no desenho das criaturas e na descrição das paisagens, posto lhe não seja castiga a dição.

## UMA OPINIAO DE SILVIO ROMERO SOBRE MACEDO

Os primeiros produtos do gênero (prosa) devidos a Magalhães, Teixeira e Souza e Macedo, são hoje completamente negligenciados, por serem escritos no estilo mais pesado, chato, incorreto, incômodo, que é positivel imaginar. O próprio Macedo, que no teatro revelou algum talento cômico, e no romance, que cultivou largamente, digum gênero de observador, não escapou à lei geral do mau estilo da época. Nem ao menos lhe coube a manobra enfática, mas aliás certo ponto correta, de Magalhães, Porto Alegre, Monte-Alverne, Sales Torres Homem, os melhores escritores nossos da primeira metade do século. O desalinhado e a incorreção de Macedo só encontram seus iguais em Teixeira e Souza e Manuel de Almeida.

(Livro do Centenário).

# BIBLIOGRAFIA DE J. M. DE MACEDO - (Segundo Arthur Motta)

- 1 — A MORENINHA** — romance — A 1.<sup>a</sup> ed., segundo Inocencio, S. Blake e M. Fleiss, de 1844, no Rio de Janeiro, com 255 págs. em 8.<sup>o</sup> e estampas e música adequada à balada que Moreninha cantava no rochedo. Nenhum deles menciona a tipografia. A 2.<sup>a</sup> ed. é de 1849; 3.<sup>a</sup> ed. de 1849; 4.<sup>a</sup> da Biblioteca das Damas do Porto, de 1854; 5.<sup>a</sup> de 1856; 6.<sup>a</sup>, com 318 páginas, 5.<sup>a</sup> de 1860; 6.<sup>a</sup>, com 318 páginas, em Paris, de 1872. Muitas outras foram logradas, não só da Livraria Garnier, como de outras. Há edições populares. A de que me sirvo, no momento em que escrevo o presente estudo, é de 1913, da Livraria Garnier, sem menção ao número da edição. Ela precedida de uma "Notícia", por Antônio Francisco Dutra e Melo, extraída do n.<sup>o</sup> 24 da "Minerva-Brasiliense". Conta XXIII-248 págs.
- Entre as edições populares há a da Livraria Editora de C. Teixeira & Cia. — S. Paulo.
- 2 — CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOSTALGIA** — tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendida a 11 de dezembro de 1844. — 54 págs. in 4.<sup>o</sup> — Rio de Janeiro, Tip. de F. Paula Brito.
- 3 — DISCURSO** proferido ao tomar o grau de doutor em medicina. — Rio de Janeiro, 1845, 8 págs. in 4.<sup>o</sup>
- 4 — PARECER SOBRE A INTRODUÇÃO DA VACINA NO BRASIL** — Segundo S. Blake, o autógrafo de 19 folhas, assinado de parceria com Joaquim Norberto de Souza e Silva, pertence à biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 5 — O MOÇO LOURO** — romance — Rio de Janeiro, 1845, em 2 tomos; 2.<sup>a</sup> ed., Rio, Tip. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, 1854, 3 tomos de IX-240 e 272 págs.; 3.<sup>a</sup> ed. da Biblioteca das Damas, Porto, 1855-56; 4.<sup>a</sup> ed., Rio, Tip. C. A. de Melo, 1862, 2 tomos com 248 e 288 págs.; 5.<sup>a</sup> ed., Havre, 1874, 2 tomos com 265 e 293 págs., do editor Garnier. Muitas outras edições saem da Livraria Garnier, além de outras editores, como C. Teixeira & Cia. de S. Paulo.
- 6 — OS DOIS AMORES** — romance — Rio de Janeiro, 1848, 2 tomos; 2.<sup>a</sup> ed., Rio, Tip. F. A. de Almeida, 1854, 2 tomos de 230 e 254 págs.; 3.<sup>a</sup> ed., Rio, Tip. C. A. de Melo (editor Domingos José Gomes), 1862; 4.<sup>a</sup> ed., Havre, Garnier, 2 volumes. A Livraria Garnier publicou muitas outras edições, como a de 1914. A Livraria Editora C. Teixeira & Cia. (S. Paulo) preparou a edição popular.
- 7 — AMOR DA GLÓRIA** — hino bíblico — Na "Rev. do Inst. Hist.", tom XI, 1848 (suplementar), págs. 276 e 284. Foi lido na sessão pública de 6-4-1848, para inauguração dos bustos do conde Januário da Cunha Barros e do marechal Haimundo José da Cunha Mattoz.
- 8 — ROSA** — romance — Rio de Janeiro, Editora "Revista Guanabara", sob o título Biblioteca Guanabarenses (Tip. do Arquivo Médico Brasileiro) — 1849, 329 págs., in 4.<sup>o</sup>; a 2.<sup>a</sup> ed., Rio, editor Domingos José Gomes Brandão, 1851, em 2 tomos (considerado por Inocencio F. da Silva, como sendo a 1.<sup>a</sup>; 3.<sup>a</sup> ed., Rio, Tip. Fluminense de D. L. dos Santos, de 1854, 2 tomos de 261-284 págs. in 8.<sup>o</sup>; 4.<sup>a</sup> ed., idem, de 1861, 2 tomos de 260-284 págs. in 8.<sup>o</sup>; 5.<sup>a</sup> edição de Lisboa; 6.<sup>a</sup> edição (1.<sup>a</sup> de H. Garnier que menciona como sendo a 4.<sup>a</sup> edição) é de Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1865, em 2 vols. de 279-294 págs. (é a que posso). Outras edições existem, mesmo da Livraria Garnier.
- 9 — O CEGO** — drama em 5 atos, em verso — Niterói, 1849, 75 págs. Tip. Fluminense, de Lo-
- pes & Cia. Foi publicado na "Revista Guanabara", tom 2<sup>o</sup>, pag. 6 (é a que figura na minha coleção). Foram publicados antes, como colaboração das secções "Semana" e "Crônica da Semana", do "Jornal do Comércio", de 1855-1856.
- 10 — COBE'** — drama em 5 atos, em verso — Rio de Janeiro, editado pela "Revista Guanabara", na Biblioteca Guanabarenses (Tip. do Arquivo Médico Brasileiro) em 1849, 88 págs. Foi publicado, também, na "Revista Guanabara", tom 2<sup>o</sup>.
- 11 — VICENTINA** — romance — Rio de Janeiro, Francisco de Paula Brito (Tip. Dols de Dezembro), 1853 — 3 tomos em 1 volume; 2.<sup>a</sup> edição, idem 1859, em 3 tomos com 146, 237 e 221 págs.; a 3.<sup>a</sup> ed. é da Tip Franco-Americana, 1876, em 3 tomos de 145, 223 e 210 págs. — A 4.<sup>a</sup> edição, que posso, é do Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, em 2 vols. de 277 e 270 págs., de 1896.
- 12 — O FORASTEIRO** — romance — Rio de Janeiro, Francisco de Paula Brito, 1855, em 3 vols. Foi simultaneamente publicado na "Marmota", revista do editor. A 2.<sup>a</sup> edição, que posso, é do Rio de Janeiro, H. Garnier (Tip. de C. A. Melo), sem data, em 3 tomos de 204, 201 e 230 págs.
- 13 — A CARTEIRA DO MEU TIO** — romance (viagem fantástica) — Rio de Janeiro, Tip. Dols de Dezembro, de Francisco de Paula Brito, 1855, 2 vols.; 2.<sup>a</sup> edição, idem, 1859, em 2 vols. de 117 e 171 págs.; a 3.<sup>a</sup> edição de 1867; a 4.<sup>a</sup> (figura na minha biblioteca), em 2 folhetos, é do Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1880, 114-164 págs. Foi publicado na "Marmota Fluminense", desde o n.<sup>o</sup> 541 de 18-1-1855, até o n.<sup>o</sup> 644 de 2-11-1855.
- 14 — O FANTASMA BRANCO** — ópera em 3 atos — Rio de Janeiro, F. de Paula Brito, Tip. Dols de Dezembro, 1856, 156 págs. — A 2.<sup>a</sup> edição, que posso, é de B. L. Garnier (Imp. de Simon Raçon), 1863, 161 págs. com a grácia "O fantasma branco". Achou-se no 3.<sup>a</sup> vol. do "Teatro" de Macedo. Foi representada pela 1.<sup>a</sup> vez a 22-6-1851.
- 15 — A NEBULOSA** — poema em 6 cantos e 1 epílogo em versos brancos ou sollos — Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Comst. J. Villeneuve & Cia., 1857, VI-233 págs. Posso a nova edição do Rio de Janeiro, H. Garnier, 289 págs., sem data. O poema foi lido em presença de D. Pedro II, a quem o deu o autor que mereceu o oficializado da Ordem da Rosa.
- 16 — O PRIMO DA CALIFORNIA** — ópera em 2 atos, imitação do francês — Rio de Janeiro, Tip. de F. de Paula Brito, 1858, 142 págs. A 2.<sup>a</sup> edição de 1863. Acha-se no tom 1.<sup>o</sup> do "Teatro" e foi representada pela primeira vez, em 12-4-1855, por ocasião da abertura do Ginásio Dramático.
- 17 — O SACRIFÍCIO DE ISAAC** — drama sacro em 1 ato e 2 quadros, em verso — Saiu em folhetim no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, n.<sup>o</sup> 111, de 1859. Foi reimpresso em 1863 e figura no tom 2<sup>o</sup> do "Teatro" de Macedo.
- 18 — DISCURSO** proferido na Assembleia provincial do Rio de Janeiro, na sessão de 13-10-1859 (extraído do "Jornal do Comércio" de 27-10-1859) — Rio de Janeiro, Tip. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1859, de 58 págs.
- 19 — LUXO E VAIDADE** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, Tip. de Francisco de Paula Brito, 1860, 150 págs. reimpresso em 1863 no "Teatro" e representada pela primeira vez, a 23-9-1860.
- 20 — ROMANCES DA SEMANA** — publicados por Domingos José Gomes Brandão (Tip. Imparcial de J. M. Nunes Garcia) — Rio de Janeiro, 1861, 378 págs. in 8.<sup>o</sup>. Ignoro a data da 2.<sup>a</sup> edição) é de Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1865, em 2 vols. de 279-294 págs. (é a que posso). Outras edições existem, mesmo da Livraria Garnier.
- 21 — LIÇÕES DE HISTÓRIA DO BRASIL** — para uso dos alunos do imperial Colégio de Pedro II — Rio de Janeiro, 1861, 136 págs. in 8.<sup>o</sup>, com 11 quadros sinóticos, abrangendo os fatos até 1851. Foram publicados por Domingos José Gomes Brandão, editor (Tip. de C. A. de Melo). Esse compêndio foi ampliado, em 2.<sup>a</sup> edição: Rio, 1863, 393 págs. in 8.<sup>o</sup>, com 22 quadros sinóticos. A 3.<sup>a</sup> edição é de Paris, 1875, 363 págs. in 8.<sup>o</sup>, com 33 quadros sinóticos. Outras edições têm essa obra, sendo uma de 1861, por B. L. Garnier, em 2 volumes. Possui a 8.<sup>a</sup> edição, do Rio de Janeiro, H. Garnier, com 44 lições, 393 págs.; e a de 1907, também de H. Garnier, completada de 1823 a 1903, por Olavo Bilac, inspector escolar do Distrito Federal, com 61 lições em 513 págs.
- 22 — LIÇÕES DE HISTÓRIA DO BRASIL**, para uso das escolas de instrução primária — Rio de Janeiro, sem data, A 2.<sup>a</sup> edição é de 1865; a 3.<sup>a</sup>, de 1875; a 4.<sup>a</sup>, de 1877; a 5.<sup>a</sup>, de 1880; e mais outra edição melhorada em 1881.
- 23 — UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO** — Primeira série — Rio de Janeiro, 1862-1863, 2 vols. de 371 e 362 págs. com 12 estampas; 1.<sup>a</sup> vol. impresso na Tip. Imparcial de J. M. Nunes Garcia; o 2.<sup>a</sup> vol. na Tip. de C. A. Melo. Não houve continuação. A obra foi antes publicada em folhetins do "Jornal do Comércio". Possui a nova edição, em 2 vols., de VIII-354 e 362 págs. cada um.
- 24 — CANTICO** — Rio de Janeiro, Tip. de F. de Paula Brito, São 13 estrofes recitadas quando se inaugurou a estátua de D. Pedro I.
- 25 — O NOVO OTHELLO** — comédia em 1 ato — Rio, 1863, 35 págs. Figura no 2.<sup>a</sup> vol. do "Teatro" de Macedo.
- 26 — A TORRE EM CONCURSO** — comédia burlesca em 3 atos — Rio de Janeiro, 1863, 130 págs. Acha-se incluída no 2.<sup>a</sup> vol. do "Teatro" de Macedo.
- 27 — LUSBLIMA** — drama em 1 ato — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Imp. de Simão Bacchini), 1863, 146 págs. Foi incluída no 3.<sup>a</sup> vol. do "Teatro" de Macedo.
- 28 — TEATRO DE MACEDO** — 3 tomos — Rio de Janeiro, 1863; 301, 389 e 337 págs., in 8.<sup>o</sup>, contendo: vol 1 — "Luxo e vaidade"; "O primo da Califórnia" e "Amor e Pátria"; vol. II: "A torre em concurso", "O cego", "Cobé" e "O sacrifício de Isaac"; vol. III: "Lusblima", "O fantasma branco" e "O novo Otelo". — Possui a edição de 1865, em 3 vols., contendo as mesmas peças — Rio de Janeiro, com os mesmos números de páginas.
- 29 — O CULTO DO DEVER** — romance — Rio de Janeiro, Domingos José Gomes Brandão (Tip. de C. A. de Melo), com capa de B. L. Garnier. E' de 1865, com 311 págs.
- 30 — EXTRATO DO DISCURSO DO orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, proferido na sessão solene de 15-12-1866, sobre D. José Affonso de Moraes Torres, bispo ressignatário do Pará, falecido em 25-11-1865, em Minas Gerais. — Rio, 1867, 14 págs. Tip. de J. Villeneuve & Cia. (com o retrato do bispo). Esse elogio fúnebre também foi publicado no "Diário Oficial", de 14-1-1867.**
- 31 — MEMÓRIAS DO SOBRINHO DO MEU TIO** — romance (continuação da CARTEIRA DO MEU TIO) — Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1867-1868, em 2 tomos de 300 e 340 págs. É um livro de sátira política e social.
- 32 — MAZELAS DA ATUALIDADE** — romances de improviso
- por Mínimo Severo — n.<sup>o</sup> 1 — "Voragem", em verso — Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1867, VII-103 págs. Foi oferecido como presente aos assinantes da "Semana Ilustrada", sendo dedicado o nome do autor.
- 33 — LITERATURA PANTAGRUMÍLICA** — (Os abestruzes no ovo e no espaço — minhauzes de poetas) — Rio de Janeiro, Tip. Progresso, 1868, 32 págs. Foi publicado anônimo atribuído a Macedo, Tancredo, Garnier, etc. — Rio de Janeiro, Tip. da Escola de São José, 1868, 29 págs. Foi representada pelo Tancredo de Assis.
- 34 — A LUNETA MAGICA** — Romance — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. de João Ignácio da Silva), 1869, 2 vols. de 187 e 205 págs. É um livro de sátira.
- 35 — AS VITIMAS ALGOZES** — Quadros da escravidão — Romance — Rio de Janeiro, 1869, 2 tomos de 347 e 389 págs. (O 1.<sup>a</sup> vol. é da Tip. Americana e o 2.<sup>a</sup> da Tip. Perseverança). A 2.<sup>a</sup> edição, de que posso um exemplar, é do Rio, H. Garnier, 1896, em 2 vols. de XVII-270 e 307 págs. São três romances: "Simeão, o creoulo"; "Pai Rabol, o feiteiro" e "Lucinda, a mucama".
- 36 — O RIO DO QUARTO** — romance — Rio de Janeiro, 1869, 283 págs. — A 2.<sup>a</sup> edição, de que posso um exemplar, é do Rio, H. Garnier (Havre, Tip. A. Lemale Alné), 1880, 287 págs.
- 37 — NINA** — romance — Rio de Janeiro, 1869, 2 tomos; 2.<sup>a</sup> edição, 1871, em 2 tomos de 203 e 153 págs.; 3.<sup>a</sup> edição, sem data, em um volume, é de H. Garnier, com 389 págs.
- 38 — AS MULHERES DE MANTILHA** — romance histórico — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. Lit. Esperança), 1876, 1871, em 2 vols. de 238 e 215 págs.
- 39 — REMISSÃO DE PECADOS** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, A. A. da Cruz Coutinho (Tip. Perseverança), 1870, 120 págs. Foi representada no Teatro S. Luiz.
- 40 — A NAMORADEIRA** — romance — Rio de Janeiro, 1870, 239, 236 e 223 págs. — A 2.<sup>a</sup> edição, de que posso um exemplar, é do Rio de Janeiro, A. A. da Cruz Coutinho (Tip. Perseverança), 1870, 120 págs. Foi representada no Teatro S. Luiz.
- 41 — UM NOIVO E DUAS NOIVAS** — romance — Rio de Janeiro, 1871, em 3 tomos de 300, 332 e 258 págs. A 2.<sup>a</sup> edição, de B. L. Garnier (Tip. Franco-American), é de 1872, em 3 tomos de 300, 242 e 258 págs. (é a que posso).
- 42 — OS QUATRO PONTOS CARDEAIS E MISTERIOSA** — romances — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. Franco-American), 1872, 348 págs.
- 43 — CINCINNATO QUEBRALOUCA** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Griegos Chamorro), 1873, 177 págs.
- 44 — NOÇOES DE COROGAFIA DO BRASIL** — Rio de Janeiro, 1873, 205 págs. — No mesmo ano de 1873, foram feitas 3 edições em Leipzig, Imp. de F. A. Brockhaus: uma na língua inglesa, tradução de H. L. Sage; outra no idioma alemão, por M. T. A. Nogueira e Schleifer, a terceira, vertida para o francês, por J. F. Halbort, com 504 págs. e 8 quadros demonstrativos, da qual posso um exemplar. Max Fleiss refere-se a uma 2.<sup>a</sup> edição em língua portuguesa, de 1877, em 1 vol. de 294 págs.
- 45 — A BARONEZA DO AMOR** — romance brasileiro — Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876, em 2 vols. de 251 e 205 págs. A 2.<sup>a</sup> edição, também do Rio de Janeiro, de H. Garnier, é de 1896, 205 págs. — "O amor da Guarima, a incognita (conto)", a págs. 190 e 293. Redigiu-a "Guanabara", revista mensal, artística, científica e literária, fundada em 1868 e dirigida até 1892 por Muccio, Porto Alegre e Gonçalves Diaz, passando depois a direção de J. C. Fernandes Pinheiro. Nessa revista erreveram: COSTUMES CAMPRESTRES DO BRASIL (no 1.<sup>o</sup>, págs. 256 e 267), O BEIJAO INOCENTE, O AMOR DA GUARIMA, A INCOGNITA (poesias, nos tomos 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup>); na "Reitoria", "Biblioteca Brasileira", "Semana Ilustrada", "Ilustração Brasileira", etc. Foi redator da "A Nação", órgão do partido liberal — de 1852 a 1854 em combinação de F. Sales Torres Homem. A sua vida in-

(Continua na pág. 210)

## Joaquim Manuel de Macedo

PINTO DE ALMEIDA (da Academia Brasileira)

A Academia vai celebrar na próxima quinta-feira, 24, em sessão solene, o centenário do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo, que foi, depois de José de Alencar, o mais popular dos nossos românticos, no período de 1860 a 1880. Quando eu era rapaz toda a gente lia o "Moco Loiro" e "A Moreninha", e as peças de teatro de Macedo eram representadas com freqüência, principalmente o "Fantasma branco", de que toda gente sabia de cor as coplas:

"Que talento, o de seu Juca,  
Que cabeça de rapaz!"

Dos escritores nacionais da sua geração eu lembro-me de ter conhecido, de vista, apenas três: Alencar, baixo e magro, um tanto curvado, barba cerrada, grisalha; este eu o via passar quase todos os dias pela minha porta, nos seus últimos anos, de olhos escuros, sempre de sobretudo e cachemir, a caminho do seu escritório da rua General Câmara; Francisco Otaviano, alto e delgado, muito moreno, pouca barba, olhos de ouro, de sobrecascas e cartola, elegante e correto no traje; e Macedo, de estatura meia, grosso, trigueiro-claro barba cerrada, grisalha, bigode raspado, — o que lhe dava um ar de capitânia portuguesa retirado dos negócios, tanto que eu por tal o nomei durante muito tempo; e fiquei deveras espantado quando uma vez me disseram que aquele senhor, que eu frequentemente encontrava na rua do Ouvidor, não era português nem capitão, mas "apenas" o famoso e popular autor da "Moreninha" e "O Frido da Baronesa", da "Vicentina", das "Vítimas-Altas" e das "Memórias da rua do Ouvidor".

é um escritor genuinamente romântico nas suas obras de burguês, e um folhetinista ameno e jovial, de prosa fácil, rotundas e claras, sem nenhuma pompa de estilo, sem a mínima infusão de psicologia, despreocupado de toda observação. Só, porém, dizer com bonhomia e graça natural o que queria, sem obrigar o seu leitor a pensar, mantendo-lhe, não obstante a sua presta no interesse da narrativa, sempre singela e pitoresca, sem um paradoxo, sem uma complicação, de linguagem, mas animada e fluente, com a água de um regato sem pedregulhos, que corre limpida e apenas murmurando entre suas frases e vícios.

Que tinha muita imaginação, provam-no, além dos seus romances e comédias, as "Memórias da rua do Ouvidor", série de cinquenta folhetins, publicados no "Jornal do Comércio", e em 1875 reunidos em livro de 332 páginas, ladeados de pequenos contos, historietas e episódios românticos, que empregam animação e cõr à narração, por vezes ingênuas, da história da sua famosa que a pompa da nova avenida Rio Branco não logrou matar.

É este um livro muito curioso, niniamente interessante para todos que amam a cidade, pois nele rememoram casas e casos antigos, anedotas políticas e "can-cons" do tempo, tanto da época colonial, como do reino e dos dois do Império, tipos pitorescos de ambas os sexos e alguns esquedas peris de boemia da política, da finança, do comércio, da literatura, da diplomacia e das artes.

Faz muito bem a Academia Brasileira de Letras com celebrar solenemente as datas do nascimento ou da morte dos escritores do passado, que foram em geral simples e bons, dignos da estima da posteridade, mesmo os que não tinham desmarcadas ou grandes fulguras de talento. Honrando os seus nomes lembrando as suas obras, pode a Academia manter vivaz na alma do povo a tradição intelectual do país, e estender uma ponte espiritual de fácil passagem entre o passado e o presente, nas regiões da inteligência e do pensamento brasileiro, que são as mais altas e as mais estimáveis da nação.

Estou certo que depois da sessão de quinta-feira, depois de ouvir o elogio de Macedo e da sua obra feito por Lac, Afrânio Peixoto, Coelho Neto e pelo atual ocupante da cadeira que o tem por patrono — Humberto de Campos, muita gente que se conhece Macedo de nome ou de catálogo, irá ler algum dos seus livros e instruir-se nos costumes da época, que ele fielmente retratou e explicou e que a versão atual desconhece quase completamente; e verificará quão honesto era esse romântica da sua quarenta anos, um dos pais do romance brasileiro, que serviu às Letras com dignidade e talento, e que tendo sido médico, professor, deputado, escritor e jornalista, tão despremendido teve o labor da sua vida, que, ao final se aos sessenta e dois anos, pauperizado, não possuía um fato preto com que o vestisse para a interminável, definitiva viagem da morte...

"A Noite" — 21-6-920.

## O CAFÉ - Joaquim Manuel de Macedo

Escravas decentemente vestidas ofereciam chávenas de café forte do caramanchão; e, Uma gargalhada geral aplaudiu o sucesso.

Fabricio espichou-se completamente exclamou Filipé. O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade, corrido de que acabava de sobrevir-lhe: as risadas continuavam, as terríveis consolações e a tormentavam; todas as senhoras tinham saído do caramanchão e riham-se, por sua vez, despiadadamente. Fabricio muito daria para se livrar de apuros em que se achava, quando de repente soltou também sua risada e exclamou:

— Vivam as calças de Augusto!

Todos olharam. Com efeito, Fabricio tinha encontrado um companheiro na desgraça; Augusto estava de calças brancas, e a maior parte de café entornado havia caído nelas.

Continuaram as risadas, redobraram os motejos. Duas ainda mal com vivacidade; mas, encontrando a razão de um chorão, que sombreava o cara-

("A Moreninha").

## A PEDRA DA MORENINHA - Correspondência de escritores:

NINHA

VEIGA MIRANDA

Pode dizer-se, afinal, que a nossa Academia de Letras está definitivamente consolidada como a República. Não há mais schaftianistas, e cessaram os remoços contra a "immortalidade". Uma e outra, das nobres instituições, começam agora a dar bons frutos, justificando os esforços dos que as propagaram, afrontando ceticismos e hostilidades. Acham-se preenchidas, no vasto salão do Silogeu, as quarenta presidências poltronas; estão a postos, escaladas nos vários cargos administrativos, os mais dedicados dentre esses grandes sacerdotes encarregados de manter o fogo sagrado das nossas Letras, e, a voz de "lachez-tout!", vai entrar a máquina, amanhã, em positivo e regular funcionamento.

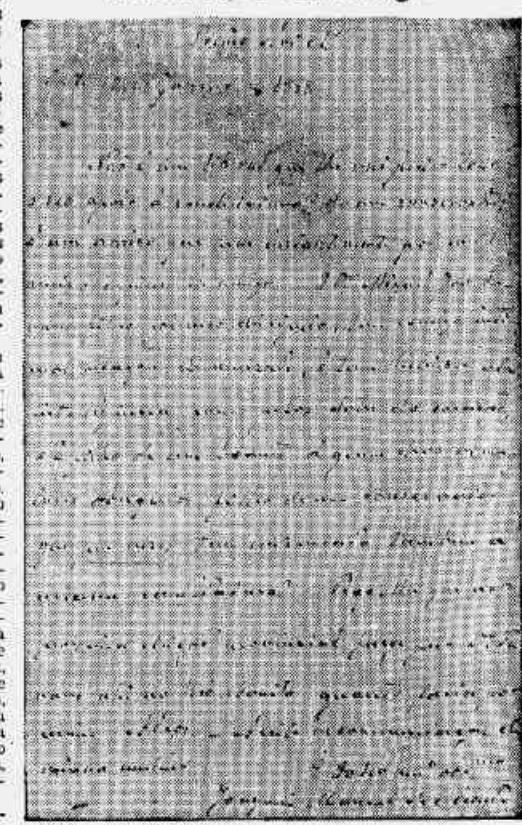
Os jornais se tem referido sempre ao brilho mundano, à repercussão elegantemente social, das festas da Academia. Longe de mim a temeridade de contestar ou zíquer por em dúvida esse fato. Testemunhei-o, pelo contrário, por algumas vezes, e sob o mais vivo regozijo. O que me faltava era convicção quanto à origem, as causas primárias, de tal sucesso. Inclinava-me a atribuí-lo a circunstâncias estranhas propriamente ao valor e à significância das funções da Academia, porque cada uma delas festas correspondia à cerimônia de recepção e posse de um novo acadêmico. ora, sendo assim, a influência desse novo elemento, as suas relações, a curiosidade em torno de uma estreia muito concorrida para o êxito da solenidade, sob o ponto de vista da assistência, desde os convidados "en habit", até aos palestos sacos.

Não creio, aliás, que a questão do vestuário, principalmente masculino, impressione a Academia. Não podemos ter aqui as veleidades aristocráticas que ainda conserva, em resultado da tradição, a Academia Francesa. O jaqueta ou o fraque ouvirão, talvez, com muito maior entusiasmo, as dissertações beletrísticas do que muita "casaca de nouveau-riché"...

Suponho, pois, que, quando se referem ao brilho das festas na ala esquerda do Silogeu, os cronistas abstrâem, até certo ponto, da exterioridade "Irajá" para atender à condição de receptividade mental do auditório. E é, naturalmente, sob esse prisma analítico que eu desejo confrontar o êxito das sessões futuras, sem o atrativo de "farão" nefito, com a clássica vitória de galanteria em que redundavam invariavelmente as outras.

O sarau de quinta-feira, que considero a primeira demonstração pública da Academia, completa, em trabalho normal, tem um cunho extremamente simpático. Celebrará o centenário de Joaquim Manuel de Macedo. Esse escritor foi, como Alencar, extremamente querido e popular, apresentando, sob faces curiosas e interessantíssimas, a sociedade do seu tempo. Cronista imaginoso e fulgurante, como nas Memórias da Rua Ouvidor e nos Romanços da Semana, quando o folhetim em "roda-pés" era o maior atrativo das folhas; comediógrafo vivaz e formidável drameurgo, lancendo ao tablado alternadamente fontes copiosas de risos ou de lágrimas, como Cincinato Quebra-louça e A Torre em concuso, entre as primeiras, e Fantasma Branco e Luxo e Vaidade, entre as segundas, o que ele sobretudo deixou foi um sereno e romântico testemunho dos costumes seus contemporâneos. Não que seja um observador tenaz de figuras e aspectos, descalcanhado em minuciosas descrições; antes, desdenha esses pormenores, sem a facilidade, de apreender aquilo ou aquela certos tons e particularidades que tantas vezes elucidam e definem uma época. Os seus livros são diálogos extensos, reflexos da habilidade do escritor

## Carta de Joaquim Manuel de Macedo a um amigo



Primo, amigo e Irajá  
Porto, 18 de Janeiro de 1883.

Não é um liberal que lhe vai pedir todo o seu apoio à candidatura de um conservador; é um amigo que pede instantaneamente por um amigo e filhinho meu, que, recentemente, faleceu, e que, por sua vez, é um conservador. O Dr. Miguel José Tavares Filho foi meu discípulo, temia muito, respeitava-me, e sempre me tratava com grande deferência, e é filho de um homem a quem devo muito amor, e que faleceu recentemente. Peço-lhe que "por favor" tenha contado também a minha candidatura. Peço-lhe que na próxima eleição promova faga pelo dr. Tavares ai de Rio Bonito quanto faria por mim. Deus — Aceite as recomendações de minha mulher.

E do seu amigo obrigadíssimo.

Joaquim Manuel de Macedo

teatral em compor cenas e cenas, dando preferência à fisionomia moral das personagens, despreocupado de qualquer esboço físico. Quando, nas suas novelas, se faz pintor, e para deixar um retrato muito vago, vulgaríssimo de traços, ficando ao encargo do leitor criar, para uso próprio, o tipo das suas heroínas ou das suas heroínas.

Ainda assim, ou talvez mesmo por causa dessa inaptidão, Macedo deixou nas nossas letras uma galeria encantadora de "melindrosas" do meio século passado: Rosa, Nina, Honorina, Ericin, Rachel e, a mais célebre de todas, a "Moreninha"... É através das diábruras dessas meninas travessas, no decorrer de frívolas incidentes de namoros com estudantes sonhadores, como Augusto, ou destrutíveis, como Firmino, que o panorama geral da época se distende, sugando no entrelaçar das conversações e, aqui e acolá, vislumbrando entre pesadas dissertações morais em que sermonaria autor.

Seria curiosíssimo um paralelo entre as lindas criaturinhas de 1850 e as de hoje, sendo fácil demonstrar que a evolução só-fria pela nossa menina elegante nesses sessenta ou setenta anos não justifica absolutamente a implacável campanha que se tem aberto ultimamente contra a "senhorita" modelovigente. Esse cassanto, será, talvez, objeto de uma outra crônica, sendo certo que a sua explanação, rigorosamente, só em um livro de trezentas páginas se comportará.

Dentre as facetas raparigas das novelas de Macedo, a verdadeiramente imortal pela popularidade é a "Moreninha". Quem tenha, ao atravessar a baixa do Rio de Janeiro, de olhado com a pitoresca ilha de Paquetá, ouvirá de certo alguém

Eu tenho quinze anos  
Eu sou morena e linda!

Está publicado o programa que amanhã (24) a Academia de Letras e a Associação de Imprensa solenizarão o centenário do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo. Discursos, conferências, sessões literárias... Ninguém se lembraria de uma comarca à porta dendaria, na suave e encantadora Paquetá.

Por que não havemos de cultivar esse lado material das tradições, pretendendo o mais possível a comemoração dos fatos aos sítios que deles se tornam as últimas evocações? Como seria encantadora, por exemplo, junto à pedra da Tamoio, Ah, uma festa de moças e meninas, recordando os amores de Carolina, as suas atitudes trêfegas e românticas, a sua inocente precocidade feminina!...

Este escrito, porém, que nos programas dos "Centenários" a melhor parte é aquela que fica desprezada...

(Correio Paulistano, 24-6-920).

# O teatro de Macedo - (Trecho de estudo)

- Machado de Assis

O sr. dr. Macedo gosta hoje educar o gosto, mediante obras da reputação de poetas cômicos de estudo e de observação. Se é uma das mais belas ambicções não vissemos no autor do "Fantasma Branco" elementos propulsivos essa reputação? Sem prias para comentamentos desses, contestar no sr. dr. Macedo o que a nossa critica a nossa linguagem; talento da comédia, é nesse de- mas o sr. dr. Macedo possui o talento cômico; não está patente nas suas obras, mas adver- não é imudez, aconselha-lo. O autor da "Torre em concurso" arrastado por uma preleção do espírito, pode não aten- der para todas as condições que exige a poesia cômica; é for- da dardia que lhe são familiares os grandes modelos da comédia; mas a verdade é que, possuindo valiosos recursos, o autor não os emprega em obras de superior qualidade. Até hoje não penetrou no domínio da al- ta comédia, da comédia do ca- rater, nas obras que tem escrito, atende sempre para um gênero menos estimado; e, se lhe não faltam aplausos a es- sas obras, nem por isso assen- tou ele em bases seguras a repu- tação de verdadeiro poeta cômico. Exitemos os circun- quais: o sr. dr. Macedo expre- ga nas suas comedias dois elem- mentos que explicam os aplau- sos das platéias: a salva e o burlesco. Nem uma nem outra exprimem a comédia.

A "Torre em concursa" deli- nea e resume perfeitamente as tendências cômicas do sr. dr. Macedo; denota, o próprio au- tor limitou as suas aspirações definindo essa peça como co- média burlesca. "O Fantasma Branco" se não confessa as mesmas intenções, nem por isso exclui de si o caráter da "Torre em concursa". Finalmente, o "Novo Othelo" tem em apolo da nossa apreciação. No "Luz e Valdade" houve um tentativo cômico; mas, ai mesmo, logo ao vir o príncipe da obra, entra em cena o burlesco debaixo da figura de um criado e de uma pro- fessora. Somos justos: o autor não pretende dar às suas peças como verdadeiras comedias; o gargalhadas; assiste-se à leitura de um editorial. Que haverá de tão positiva, que dem se é a cômica em um editorial? Nada que intenção do autor em reconhecer-lhe apenas o caráter de sal- vo, resiliendo na intenção de burlesco, resiliendo na intenção de essa intenção que nos produz efeitos nos espectadores; parece condonável. Dofado de a fantasia do autor tinha cam- talento, estimado do público, o pe vestido por redi-lo como qui- ar. dr. Macedo tem o dever de ssesse, para acumular as expre-

sões mais curiosas, as cláusulas teatrais de Paschoal, que é a ban- deira do partido amarelo, passa para os festejos do partido ver- melho. "Insciente, diz Baptis- tucio, homem de bom senso e ta, não respeite um dos chefes do seu partido!" Este dito e es- ta passagem tinham completo o traço; havia alguma coisa de cômico; mas Baptista não so- abandona as suas festejas senão que moraliza o ato: "Foco o que muitos tem feito; arranje a vida, estou passado". Esta ma- neira de repetir a observação cômica, trânsita a energia e o efeito; tal na sátira; já não é o personagem, é o autor quem exprime por boca dele um juizo político. Ora, quando se encon- tra em uma comédia um desses traços felizes, o cuidado do po- ete deve aplicar-se em não des- naturá-lo. Vejamos como o tendessemos isto, se exigisse- mos a naturalidade das situa- ções, a verdade das fisionomias, a observação dos costumes, o autor responder-nos-la vitorio- samente que não pretende es- crever uma comédia, mas uma peça burlesca. Duridamos, po- rem, que possa responder com igual vantagem quando lhe per- guntarmos por que motivo poeta de talento e futura escreveu uma obra que não é de poe- ta, nem acrescenta a menor lustre ao seu nome.

Acciando a peça, como ela é, não há negar que as intenções políticas da "Torre em concursa" são de boa súbita. Sátira burlesca, é verdade. Nada me- nos cômico que aquela sucessão de cenas grotescas; mas, através de todas elas, não se perde a intenção satírica do autor, a laia dos partidos, a ideia, a fraude política, a intervenção de Anna, tudo isso forma um quadro, onde, à míngua de efeito poético, sobram as tintas caricatrizes, acumuladas no in- farto de criticar os costumes positivos. Não é portanto a idéia da peça que nos parece conde- nável; é a forma. A mesma idéia vazada em uma forma cômica produziria uma compo- sição de merecimento. O juiz de peças José Fernandes, sem for- nem caráter, levado alternativa- mente ora pelo irmão, ora pelas influências eleitorais, tem um quê de cômico; mas, reduzido a estas proporções, saia fora de circulo que o autor se traçou, e não produziria o desejoado efei- to nas platéias. Que fez o autor? Deu-lhe proporções bur- lescas, e as cenas do editorial ex- crito nas costas, do peito dos partidos para pousá-lo, da cláusula do casamento, tudo nisso retrou a figura do juiz de paz o cunho original e cômico. Esta comparação pode ser re- produzida em relação a uma parte dos personagens; mas basta uma para definir o nosso pensamento. Não fazemos ana- lise, apreciamos em sua gen- eralidade as comedias do sr. dr. Macedo. O "Fantasma Branco" não se confessa comédia bur- lesca, como a "Torre em con- curso", mas ai mesmo o burlesco é o elemento principal. En- tre tanto, sem que se prestasse a uma alta comédia o "Fantasma Branco" podia fornecer te- la para uma obra de maior alcance; o desfeito e o mal está em que o autor cede geralmente à tentação do burlesco, desmaiando e comprometendo situa- ções e caracteres. A coroa e a fanfarria do capitão Tiberio, as rugas de Galateia e Basílio, a rivalidade dos dois rai- pes, as entrevistas furtivas de Maria e José, podiam dar obser- vações cômicas e cenas intere- santes. Para fazer rir não pre- cisa empregar o burlesco; o bur- lesco é o elemento menos cui- do do riso.

Se fosse preciso resumir por meio de uma comparação a pro- funda diferença que há entre o traço cômico e o traço burlesco, bastaria aproximar um lance de mestre de um lance da "Torre em concursa". Na nessa peça uma cena de dor observa- ção política; e quando Baptista, em virtude de uma descor-

A rivalidade de Galateia e Basílio, que podia fornecer al- gumas cenas cômicas, e alguns trapos de costumes, degenera em uma troca de palavrões mo- tescas, de apóstrofes singulares, sem resultado algum. Da mes- mo gênero é a cena em que os dois rapazes falam a deusa- dea Marquinhos; o amor de Francisco reduzido a fado acusatório, é uma idéia que pi- ma pelo burlesco, mas não per- tence ao domínio da comédia. E, todavia, insistimos, o sr. dr. Macedo podia fazer daquela peça uma coisa melhor, mais séria, de mais digno alcance.

Dizem-nos que o "Fantasma Branco" foi escrito sem a in- tensão da cena; isto poderia ser uma alegação, se o autor não houvesse mostrado em suas peças quais são as suas pre- fêcias em teatro. A letitra re- edita de "Fantasma Branco" e da "Torre em concursa" está para deixar ver que é sua pre- fêcias merecem o justo respeito da crítica. Nada diremos do "Novo Othelo" que reuniu em pequeno quadro, o gênero da comédia do sr. dr. Macedo, e bem assim, a ilimitada do "O- cés, denominada "O prim- da Califórnia"; "Amor e Paixão" é um ligeiro drama numérico, quanto ao "Sacrifício de Ióas" é quatro atos bíblicos, compõe-se de algumas versões harmoniosas, so- bre a lenda hebreia.

Tal e ou leiro do sr. dr. Ma- cedo, talento dramático que podendo rachar bibliotecas in- clacionais com obras de países e m- ginalidade, abandonou e cada primavera instante em busca dos efeitos e dos achados do dia; talento cômico, que penhou na esfera da comédia e deixou-se levar pela sedução do burlesco e da sátira tentar. A boa comédia, a única que pode dar-lhe um nome, teve- mero ridículo, mas com esse es- malo seguro, essa não que praticava o autor da "Torre em concursa". Foi o seu erro.

Acompanhar as alternativas caprichosas da opinião, sacrificá- la ao gosto e a licão da arte e esquecer a nobre missão das musas. Da parte de um em raro, seria coisa sem consequência; da parte de um poeta, e vande- naval.

Atenderá o sr. dr. Macedo para estas reflexões que nos in- spira o amor da arte e o in- teresse desejoso de vê-lo ocupar no teatro um lugar distinto? Não lhe perdemos a esperança, o autor do "Fantasma Branco" chegou à idade de cultivo e comédia; o estudo da vida e o estudo dos padrões que o pa- nos nos legam, leva-lo a um di- vido nos sérios comentários o drama, de que nos deu alguns lampiões, pode também receber das suas mãos formas puras e corretas. Mas para alcançar a tais resultados, tem que aban- donar o antigo caminho e os metos usados até hoje. Se já escreveu páginas que realmente o honram, não fez ainda tudo quanto a nossa bela polícia tem direito de exigir-lhe. Ninguém é tardi para produzir belas obras; foi aos cinquenta anos que o autor de "Metromanía" compôs esse livro admirável, e o sr. dr. Macedo ainda está muito longe da idade de Piran. A "Metromania" salvou a reputação artística do poeta francês de um esquecimento inevitável; ex- amplo histórico que deve estar presente à memória de todos os poetas.

Fomos fracos e sinceros na análise das obras do sr. dr. Ma- cedo; assim como consideramos as suas comedias e uma parte dos seus dramas, assim o audi- remos, em tempo conveniente, as obras realmente meritórias do autor da "Moreninha"; se em ambos os casos estamos em er- ro, é dever dos competentes guiar-nos à verdade.

8 de maio, 1955.



Retrato da maturidade de Joaquim Manoel de Macedo

# FALANDO AO CAVALO - Joaquim Manuel de Macedo



L. de Joaquim Manuel de Macedo, em Itaborai, cidade de seu nascimento

## Joaquim Manuel de Macedo, na apreciação de José Veríssimo

Cronologicamente, Macedo pertence à primeira geração romântica. Era um genuíno prodígio daquele momento e meio literário, e foi na sua plena vigência que estreou nas letras, iniciando do mesmo passo com Telzeira e Souza o romance e com Martins-Penna e Magalhães o teatro brasileiro. Escritor não existiu como, excetuado presentemente o sr. Coelho Neto, não tivemos outro Macedo, alias sem jamais progredir, nem variar, ni sequer a sua época e foi ainda o mais abundante dos prodígios da segunda geração. Sem falar dos seus livros de história ou de crônica e numerosos escritos políticos e literários dispersos em jornais e revistas, tudo geralmente insignificante, visto da fase ocupada por esta geração (1850-1870) os Romances da Semana, O culto do dever, A luneta mágica, As vítimas alagozes, Nina, As mulheres de mantilha, A namoradeira, A baronesa do amor, para não citar senão os, ao menos pelo tom, mais consideráveis. E no teatro, excetuado o Cego, que é de 1849, é de lá mesma fase toda a sua abundante literatura dramática. Mais quer no romance, quer no teatro, Macedo não fez mais ainda na véspera ou já em pleno dia do naturalismo que constituir, por inéquia, o movimento adquirido com a primeira geração romântica. Esta imobilidade, que não basta à inspiração social de "Vítimas alagozes", e de alguma sua peça de teatro, para desmentir, decididamente o fixa neste geração, sem embargo dele ter vivido, e sempre escrevendo, até 1882. Nem a concepção do romance ou do teatro, nem o estilo de Macedo, variaram nunca o seu conceito primitivo de uma história inventada e recontada com muita poesia, ou o que ele era tal, para comover a sentimentalidade do leitor ou do ouvinte, com o fim de o edificar moralmente. Com este conceito, que foi o de todos os nossos românticos, sem engenho que o revelasse, a sua obra é, do puro aspecto literário, de somenos valia. Há nela, porém, alguma coisa que a levanta e faz viver da vida mesquinha que ainda tem: primeiro a sua sinceridade, a sua ingenuidade na representação do primeiro meio século da nossa existência nacional, segundo a alegria que há nela, e que agradavelmente destoa da estranha tristeza de todos os seus companheiros de geração. Como quer que seja, ele tem, sem grande riqueza e força aliás, imaginação e facilidade. Como autor de teatro foi talvez o que melhor o soube fazer aqui. O desleixo com que geralmente escreveu, se não também pensou as suas obras, prejudicou-as consideravelmente em o nosso atual conceito. Mas os seus defeitos de concepção e de forma, a que somos hoje intimamente sensíveis, não afrontavam os seus contemporâneos, dos quais foi um favorito. Ainda hoje é dos nossos românticos mais lidos, se bem que às escondidas e em segredo. E' o que tem sido mais repetidamente editado. E Taunay, que estreava já na terceira geração, dedicando-lhe o seu romance "A mocidade de Trajano", como a um mestre, apenas exprimiu o sentimento de comum apreço pelo operoso e divertido escritor.

("História da Literatura Brasileira")

Sai da mesa com a barriga cheia, e com a alma cheia: duas enchedores que realizam a beleza humana neste mundo.

Estômago e alma pediam-me tempo para digerir a alimentação recebida: sob o pretexto de despachar um portador que fosse procurar na estalagem a Carteira de Meu Tio, separaram-me da companhia; despachei o próprio, e por distração fui observar como estava depois daquela viagem de quatro dias (dois de ida e dois de volta), o ruço-quemado.

Atravessando o terreiro, todos os escravos me tomaram a beijução com sinais de requintado respeito; os cães da casa festejaram-me; e fui encontrar o ruço-quemado, que em toda sua vida passara sempre desprezado no campo, resplandido então à estrebaria recentemente varrida, tendo a manjedoura atopetada de capim fresco, notando-se ainda pelo chão vestigios de boa e já devorada ração de milho.

O intelectual e grave animal, sentindo os meus passos, fez uma pausa de suspensão no trabalho suavíssimo de que se ocupava, estendeu para o lado da porta da estrebaria o seu enorme pescoço, olhou-me, inclinou três vezes a cabeça, como se me cumprimentasse; mas cedendo ao instinto, logo depois continuou a comer o seu capim.

Fru os gozos dessa estrebaria, ruço-quemado! come o teu milho e o teu capim! cavalo do principal herdeiro do meu Tio, em tua qualidade de cavalo, tu és uma peça muito ordinária, e merecias antes canaglhas do que selvagens em honra e consideração de teu dono estás sendo objeto de cuidados, que nunca recebeste em tua vida já bem longa; goza e come! eu te saudo, oh ruço-quemado! porque hoje admiro a imaginação do encanto da riqueza em ti, da maior parte dos homens nos escravos que te deram milho e capim fresco, e do mundo na tua estrebaria.

Ah! quantos ruços-quemados de dois pés passam vida milagrosa e felicíssima na terra, porque seus pais, os seus padrinhos, ou seus protetores estão nas condições, em que me achou depois que se abriu e foi lido o testamento de meu Tio!

Ruço-quemado! é velho, velho, e não prestas pará: nida; mas, ainda assim, levanta a cabeça, e espera quem sabe o que ainda te prepara a fortuna?...

Positivamente asseguro que não é o cavalo que Buffon descreveu; a fortuna porem tem caprichos; e não há quem possa determinar até onde pode chegar e subir o casal de quatro pés.

Já houve um cavalo que chegou a senador do império romano: o exemplo ficou na história, e o exemplo como a semana que tem o dom da reprodução.

Convenho em que a extravagância de Calígula incomodou o amor próprio dos animais homens; porque o senador de Calígula foi mesmo cavalo de quatro pés, cavalo-cavalo.

A coisa esteve no nome, e na impossibilidade física de sentar-se o bicho em uma cadeira parlamentar; não esteva poren na capacidade intelectual, nem nas condições morais do cavalo.

A parte o nome imposto pelos naturalistas e pelo vulgo, eu te afirmo, ruço-quemado, e fica sabendo para tua consolação e teu orgulho, que tem havido muitos homens importantes, que se devem reputar feitos à tua semelhança, e que todavia se chamam homens.

Em consideração a ti, meu cavalo, vou examinar os pontos de semelhança, em que fraternizas tu e essas notabilidades.

Tu não tens o dom da palavra, e é de supor, ou deve-se admitir por hipótese, que tens o dom de rinchar; eles, as notabilidades a que me refiro, se podem

falar, nunca falam e apenas gritam: — apoiado ora entre um rincho de cavalo e um apoiado de quem nunca diz outra cosa, não descubro diferença que valha a pena.

Tu recebes freio e selim e deixas cavalgar, a carregar como podes com o cavaleiro, e as vezes com algum outro à garupa; eles sujeitam-se ao mesmo cavaleiro; abrem a boca para receber o seu freio especial, oferecem as costas ao selim da mesma natureza; e são cavalgados às vezes somente por seu dono reconhecido; mas às vezes também levam a condescendência muito além da tua; porque tu em caso extremo carregas um no selim e outro à garupa, e eles tem costado tão grande, e tanta força cavalgar, que carregam até sete cavaleiros de cada vez!!!

Tu gostas de comer capim e de roer milho, e eles também tem seu capim e seu milho e comem, como o diabo.

Tu tens cauda, que serve para espantar as moscas e os insetos que te perseguem, e às vezes como um abano para te refrescar o corpo; e eles também tem cauda; mas, ou menos comprida, e em muitos enorme; cauda que não compõe, que nãoorna como a tua, cauda que envergontha, e que assinala em ura fraquezas inconfessáveis, em outros eri-mas que ficam impunes.

Baia ala da cabeça a cauda quatro pontos de semelhança em que não ficam abaixo de certas notabilidades, e a elas pelo menos te igualas.

Examinarei agora as diferenças, e verás meu ruço-quemado, que e nelas evidente a tua superioridade.

Tu andas de quatro pés, e saístafaz assim as condições físicas da tua natureza animal: és cavalo, e andas e sabes andar, como cavalo; eles andam de dois pés; muitas vezes porem moralmente se tornam quadrípedes e esquecendo a sua natureza e dignidade de homem, se tornam homens-cavalos.

Tu nunes deste coiceas, mas tens natural direito de as dar, e todos os esperam de ti, como se esperava o arranhão de um gato, e a dentada de um cão; eles não são animais coucedores; mas coucecam, quando ihes ihes conta como dez cavalos chucros.

Tu e outro qualquer cavalo-cavalo em regra não dais couces em quem vos o capim e o milho; e eles escoucam quem lhes dava o milho e o capim, desde que farejam que a manjedoura vai passar à direção de outros senhores.

Tu és dirigido pelo freio que recebes, e eles são dirigidos pelos rabichos que ihes poem; tu obedeces pela cabeça e eles obedecem pelas caudas.

Em último resultado deste exame comparativo que alias se poderia estender muito mais, conhece-se que entre eles e ti, ruço-quemado, a semelhança é surpreendente no procedimento, no ofício, e no modo de vida, e que a única diferença realmente sensível real é que, debaixo do ponto de vista físico, eles são bipedes e tu quadrípede.

Sóis diferentes pelos pés e semelhantes pela cabeça: a física vos separa; mas a moral vos iguala.

Tu és o que é — cavalo-cavalo.

Eles são o que não deviam ser — homens-cavalos.

Tu és melhor, mais digno de que eles.

Levanta a cabeça, ruço-quemado! rincha uma vez por exceção; mas rincha, solta um rincho-trovão, um rincho de escárneo lancado a essa sucia humana degenerada.

Ah! esquecia-me um ponto muito importante de diferença entre eles e ti: aqui o consigno.

Eles mais dia menos dia são despedidos pelas alugadoras cansadas de matar-lhes a fome cavalar; e caem no esquecimento, que é o justo castigo dos homens-cavalos, e tu ruço-quemado, nunca serás esquecido, porque quando morres, hei-de te mandar empalhar; e te remeterei para o Museu Nacional para perpetuação da tua memória.

Acabo, ruço-quemado, de dar-te seguros fundamentos para o teu orgulho; não querrei que sejas valioso, e agora te digo: — abaixa a cabeça que te mandei levantar; porque há homens que são superiores a ti, embora sejam homens-cavalos.

Há homens que são superiores a ti; porque tem inteligência, ilustração, ciência; porque devem à natureza talento brilhante, e ao estudo reconhecimento, em alguns, muitas vezes profundos.

E entretanto superiores, muito superiores a ti, são homens-cavalos, recebem e quase que pedem freio e selim, e deixam-te cavalgar.

Mas são cavalos aristocratas; escolhem o cavaleiro e o dono; tem orgulho, validade da monarquia; mas por fim de contas não em todo caso homens-cavalos.

Eu, para mim, ruço-quemado, julgo estes ainda mais nocivos que os outros: os outros quase que tem razão de ser, possivelmente não exercem influência na sociedade; animais de carga, fazem o seu ofício, vivem fazendo rir, e morrem sem que alguém os porfa deles; são coristas muito insignificantes de ópera italiana, de quem os címarotes e a platéia não fazem caso; os outros porem são cantores de primo cartório, o público ouve-lhes as árias, deixam-se levar pelas vozes, as treinados e tenazes de suas gargantas magistrais, flutua-se com eles, batem palmas e aplaudem, pensando que o são genios da sua espécie, que o exaltam, que o homenizam, que o nobilitam, servindo ao progresso e à civilização, e no meio ou no fim da peça desaponta, reconhecendo que batem palmas e aplaudem em vez de artistas conciliadores a homens-cavalos e nada mais.

Seja o cavaleiro peão ou rei, o animal em que cavalgar e sempre cavallo.

E por consequência, o meu ruço-quemado vale mais, merece mais do que todos pés; porque um cavalo não se avulta por isso; e os homens, ainda os mais inteligentes e ilustrados, que se abalam a fazer o papel de cavalos, deshonram-se, o que é o menos; mas alem disso comprometem o cavaleiro, que se sempre inocente, o que é o mais;

Como portanto o teu milho e o teu capim, ruço-quemado, come-os a fartar, come-o com a certeza de que há por esse mundo ruços-quemados e não faltando o bem que fazes, fazem o mal que não fazes.

Cavalo-cavalo, tu és melhor do que todos os homens-cavalos.

Fiz estas reflexões em pé na porta da estrebaria, fazendo-as porem (é coisa célebre!) compreendi, calculei todas as vantagens, que pode trair o homem, quando combina as duas condições de cavalo e cavaleiro, e atendendo no seu interesse, se resolve a ser hoje cavalo, para ser cavaleiro amanhã.

O selim e o freio e os braços no chão para um homem ser cavalo, não poucas vezes são degraus por onde ele sobe às grandezas sociais.

Ah! ruço-quemado! eu também me parecer contigo! para ganhar e subir não hesitarei em ser homem-cavalo.

O costume far-lá.

(Das Memórias do sobrinho de meu Tio)

# Um capítulo de "A Moreninha" - Joaquim Manuel da Maceio

## MEIA HORA EM BAIXO DA CAMA

Não tardou que Felipe, como bom amigo e hospede, veio em auxílio de Augusto. Era verdade que era impossível passar o resto da tarde e a noite inteira com aquela calca, manequilho pelo enfeite; e portanto os dois estudantes voltaram à casa. Augusto entrando no gabinete destinado aos homens, ia tirar de despir-se, quando foi por Felipe interrompido.

— Augusto, uma idéia feliz! vai vestir-te no gabinete das moças.

— Mas que espécie de felicidade achas tu nisso?

— Ora! pois tu deixas passar uma tão bela ocasião de tu mirares no mesmo espelho em que se elas olham... de te aproveitares das mil comodidades e das mil surpreendentes que formigam no tocador de uma moça?... Vou... sou eu que te digo: all acharam lindas e pomadas, naturais de todos os países; oleos, aromaticas, essencias de formosuras, e de todas as qualidades: águas cheirosas, pós vermelhos para as faces e para os lábios, bálsama para esfregar o rosto e enrubecer os párpados; escovas e escovinhas, flores murchas e outras víciosas...

— Basta, basta; tu vou: mas lembras-te que é tu quem me fizes ir, e que o meu coração adivinha...

— Andai, que o teu coração sempre foi um pedago d'assino.

E isto divendo, Felipe empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho delas.

Ai do pobre Augusto!... mal tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que também se achava manequilho, sentiu rumor, que faziam algumas pessoas que entravam na sala.

Augusto conveceu logo que eram moças, porque estavam alegriamente quando se atraíram, fazem conversando matinada tal que a um quarto de légua se deixam admirar; se é sediso e mesmo insulto compará-las a um bando de lindas malucas, não há remédio senão dizer que muito se assemelham a uma orquestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

Ora o nosso estudante esfava, com sua estranha figura, incapaz de agradecer à pessoa alguma: em certas, e nô da cultura, para cima, querer recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei que mais, no bolo provisório que se achava de entrar em casa, e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio à mente: ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ela em baixo da tiraço escondeu-as atrás de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão imprevisível visita; mas, ainda outra vez, pobre estudante... teve logo de reagradar-se, e se representar para baixo da cama; pois quatro moças entraram no quarto. E eram elas d. Joanninha, d. Quinquina, d. Clementina, e uma outra, por nome Gabriela, muito adorável, muito espartilhada, muito esplêndida, e que serviu tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que mais acreditava que era: é bonita.

Depois que todas quatro se miraram, compuseram cabedal, enfeites, e mil outros objetos, que estavam todos muito em ordem; mas que as malucinhas destas quatro "depozitórios" não pudorem resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjou: tossem por mal dos pecados de Augusto, sentar-se da maneira seguinte: — d. Clementina e d. Joanninha na cama, em baixo da qual estava ele; d. Quinquina de um lado, em uma cadeira; e d. Gabriela exatamente de frente, que, apesar do seu de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incomodo toda a coleção de sambos, sautes, vestidos de baixo, e enorme variedade de encantamentos que lhe faziam de suplemento a natureza, que com d. Gabriela, segundo suas próprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinharia a certos respeitos.

Depois de respirar um momento, as meninas, juntando-se aos, começaram a conversar vivamente, enquanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, encerrou da teles de saranha, e suores frios, comprimiu a respiração, e conservou-se mudo e quieto, medroso de que o mais pequeno ruído o pudesse descobrir: para seu maior conforto, baixa da cama era incompleta, e havia seguramente dois paixões e meio de altura descobertos, por onde se afigurava das moças olharem, seria ele impresavelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo saltou-lhe uma pulga à ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse, a tenetosa continuou a chover-lhe com a mais desdenhada impunidade.

— Antes mil vezes cinco sabbatinas seguidas em tempos de barbarescos no Campo!... (disse ele consigo).

Mas as moças falavam já há cinco minutos: falavam por colher algumas belezas; e que é na verdade um pouco difícil: pois, segundo o antigo costume, falam todas quatro no mesmo tempo. Toda alguma coisa se aproveitava.

— Que calor!... (exclamou d. Gabriela, afastando, no abanar de seu leque, todo o donaire de uma hispanholada); oh! não parece que estamos no mês de julho; mas, por minha vida, vale bem o incomodo que sofremos o regalo que temos todos nossos olhos.

— Bravos, d. Gabriela!... então seus olhos...

— Tem visto muita coisa boa: olhe, não é por falar; mas, por exemplo, há objecto mais interessante do que d. Luiza mostrá-la-se gorda, estrela, bem feita?...

— É um saco!

— E como é feia!...

— É horrível!

— É um bichão!...

— E não vimos a filha do Capitão com sua dentadura pontuda?... Agora não faz senão rir!...

— Coitadinho! aperta tanto os olhos!...

— Se eu pudesse arranjar também um poético para o quizito!

— Ora, d. Clementina, não me obrigue a rir!...

— D. Joanninha, você reparou no vestido de chafim de d. Carlota?... Quanto a mim, está absolutamente fora da moda.

— Ainda que estivesses na moda, não há nada que nela assente bem.

— Certo... é um pau vestido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço.

— Um nariz com tal cavalete que parece o morro do Corcovado!...

— E a boca! ah! ah! ah!

— Parece que anda sempre pedindo bequimbas.

— E que língua ela tem!

— É uma vibratória!

— Ela não sei porque as outras não são de ser como nós, que não diremos mal de nenhuma delas.

— É verdade: porque se eu quisesse falar...

— Diga sempre, d. Quinquina.

— Não... não quero. Mas passando a outra coisa...

D. Josefine aplaudiu com risado a moda das vestidas compridas.

— Por quê?...

— Ora... porque tem pernas de canhão de satélite.

— Pernas finas também é moda presentemente.

— mas me livrarei... (acudiu d. Clementina) pelo menos para mim nunca deve ser; pois não posso emendar a testureza, que me dei pernas grossas.

— Não lhe fico atrás, juro-lhe (exclamou d. Quinquina).

— Nem eu! nem eu! (disseram as outras duas).

— Isso é bom de dizer (torceu a primeira); mas fílame te podemos tirar as dúvidas.

— Como?...

— Facilmente: vamos medir nossas pernas.

Outvendo tal proposição, o nosso estudante, apesar de se ver em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos de maneira que lhe pareciam querer saltar das órbitas: porém d. Gabriela, que não parecia cintilar consigo, e só por horas da firma dissera o seu — nem eu! — veio deitá-lo com água na boca.

— Iavia de ser engracado! (disse ela) arregalaramos aqui nossos vestidos.

— Que tinha isso?... (acudiu d. Quinquina) não somos todas moças?... dir-se-ia que não temos dormido juntas.

— É verdade (respondeu d. Clementina); e além de que não veia demais, então quatro ou cinco horas por baixo do segundo vestido.

— E talvez alguma saio!... vamos a isto!

— Não... não... (disse por sua vez d. Joanninha).

— Pois por mim não era a dúvida tornar d. Clementina, com ar de triunfo, recostando-se nô e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escapar de propósito uma das pernas para fora do leito, só tocar com o pé no chão, de modo que ficou à mostra até o joelho.

— Quem me diria já casar!!! (exclamou ela).

Pobre Augusto!... não te chamaré eu feio?... ele vê a um palmo dos seus olhos para mais bôa hora, torneada que é possível imaginar!... através da janela molha agradece uma mistura de cera de leite com a cera de rosa e rematando este interessante painel rosa, pérola um, que só se poderia medi a polegadas, apertando em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pendendo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria? não levam botão e que desejam e estudante intorgar àquele precioso objecto, velo-lhe as penitentes e o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quase que já se não podia suportar... já estava de boca aberta e para sair... e porém lembrando-se da exótica figura em que se via meter a trouxa que tinha enrolado, entre os dentes, e apertando-o com força contra ela, procurava iludir sua imaginação.

— Quem me diria já casar!!! (repetiu d. Clementina).

Pobre Augusto!... não te chamaré eu feio?... ele vê a um palmo dos seus olhos para mais bôa hora, torneada que é possível imaginar!... através da janela molha agradece uma mistura de cera de leite com a cera de rosa e rematando este interessante painel rosa, pérola um, que só se poderia medi a polegadas, apertando em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pendendo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria? não levam botão e que desejam e estudante intorgar àquele precioso objecto, velo-lhe as penitentes e o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quase que já se não podia suportar... já estava de boca aberta e para sair... e porém lembrando-se da exótica figura em que se via meter a trouxa que tinha enrolado, entre os dentes, e apertando-o com força contra ela, procurava iludir sua imaginação.

— Quem me diria já casar!!! (repetiu d. Clementina).

— Isso é fácil (disse d. Gabriela), principalmente se devemos dar crédito aos que tanto nos perseguem com finessas. Olhem, que vejo-me doida! mais de vinte me informaram! Querem saber o que me sucedeu ultimamente?... Eu confesso que me corresponde com cincos... isto é só para ver quei dos cinco quer casar primeiramente; pois bem; ontem vim pra cá que venho empeditada e que me encontrei das minhas cartas, recebida da minha mãe duas...

— Logo duas!...

— Ora pois, apesar de todas as minhas explicações, a maluca estava de mola: mesmo, atendendo a istas duas... — a de lacrê auxiliou d. Joanninha; e a de verde e o de azul — sabem o que fizer... (Torceu as escravas).

— E o resultado?...

— Eu-lhe aqui (respondeu d. Gabriela, tirando um par de sol): só vir embalar, e quando desci a escada, a tal preta, com a descreda preta, entregou-me este escrito do dr. Joâncio: — Ingrá! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delito da tua perfeita! Ereses a outro!... Compareces por tão horrível crime perante o juri do meu coração; e bem que tenses nele tribuna a tua beleza por advogada, o meu cumo e justo ressentimento, que são os juizes, te condenarão as perpétuas gales de desprazo; e só poderás livrar deles, se apelares dessa sentença para o poder moderador de minha cega paixão...

— Bravo, d. Gabriela! e sr. Joâncio é sem dúvida estudante de jurisprudência?

— Não; é doutor.

— Bem mostra pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tonta: conto tudo o que sucede, e ninguém me confia nada!

— Isso é razoável: (disse d. Clementina) não devemos pagar com gratidão a confiança de d. Gabriela. Eu começo declarando que estou comprometida com o sr. Pepe a deixar esta noite, embalado de quarta noite da rua do jardim que vai direito ao carmánchado, um embrulhamento com uma trança de ramos cabedais.

— Que senhora!... porque não lhe entrega? ou não lhe manda, entrega?...

— Ora!... eu tenho muita vergonha... antes ouço assim: se porre romântico.

— São caprichos de namorados! falou d. Quiquinha havia tanto tempo para isso! mas enfim, de utilidades é que o amor se alimenta. Querem ver uma dessas? o meu predileto está de luto, e por isso exige que eu vá à festa de... com uma fita preta no cabelo, em sinal de sentimento; exige ainda que eu não valse mais, que eu não tome sorvetes, para não consolar, que não deu de "domínio trem" a moço nenhum que espirraria no meu... e que jamais me ria quando ole estiver sentado; e a tudo isso julga ele ter direito por ser tenente na Guarda Nacional! pois por isso mesmo ainda agora de fita branca no cabelo, valso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou "domínio trem" aos meus mesmo quando eles não esperam, e não posso ver o sr. tenente Guinão sorrir sem soltar uma garra-lha.

— Olhem lá o diabulho da sonha!... (murmurou consigo mesmo Augusto em baixo da cama).

— E você, mana, não diz nada?... (perguntou ainda d. Joanninha).

— Ent!... e que hei de dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.

— E' a única que ainda deveria (pensou o estudante, a quem já doiam as costelas de tanto agachar-se).

— E o sr. Fabrício?... e o sr. Fabrício?... exclamou-as três.

— Pois bem (torceu d. Joanninha); é o único de quem gosto.

— Mas que temos nós feito hoje neste dia?... que triunfos havemos conseguido?... validade para o mundo, moças bonitas como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do sr. Leopoldo (disse d. Quinquina); mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moça ouvir em pacífica ocasião frivolidade vem à cabeça... não direi a cabeça, porque parece que os tolos como que não a tem... e porém aos lábios de um desenho de humor. O tal sr. Leopoldo... não é graça: eu ainda não vi estudante mais destestável.

— Você, d. Joanninha (acudiu d. Clementina), tem regulado hoje com o incomparável Fabrício: não lhe gosto o gesto... se as perninas que ele tem...

— Ora (respondeu aquela), ainda não tive tempo de olhar para as pernas: mas, também você parece que não se importa muito com a cerca de maré de meu príncipe confessores, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos... isso é verdade.

— Pelas minhas partes não digo nada; (assobiou d. Gabriela, mirando-se no espelho) mas enfim... eu não sei se sonho bonita: mas, onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores: hoje por exemplo, tenho-vos visto doces... perseguiram-me constantemente seis... era impossível ter tempo de margar com todos a prender.

— Mas, d. Gabriela, onde está o seu talento?

— Pois bem: que se ponha outra no meu lugar.

— Alguns homens zombariam de doce de noz: outras a um tempo... houve lá um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel:

Nunca dia, nunca hora

No mesmo lugar,

Eu posto de amar

Querida,

Cincoconta,

Sessenta;

Se mil, tornei-bela,

Amo a todos elas,

— Que pateta!...

— Que loiro!...

— Que valiosos!...

— Essa opinião segue também o Augusto!

— Oh!... e esse papelão?

— Elas só com... murmurou entre dentes o nosso estudante, estendendo o pescoço a modo de cágado.

— Como lhe fico mal aquela cabeleira!... assemelha-se muito a uma preguica.

— Tem as pernas tortas...

— Eu creio que ele é corrunda,

— Não; aquilo é magreza.

— Porte imperfável! falando, é um Lucas...

— Ele é de ser interessante dansando!...

— Vamos: pensemos nos meios de zombar dele猛烈mente...

— Foi pensando...

Mas elas não tiveram tempo de pensar, porque nesse momento ouviram-se um grito de dor, ao qual seguir-se-ia viva agitação no interior daquela casa, onde ainda há poucos momentos, quando elas com os olhos na cama do sr. Joâncio, que com a cara e a agitação havia d. Gabriel deitado em cima.

O estudante apanhou e guardou aquele interessante papel; e com prontidão e cuidado pôde, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso de procurar sobre a causa do rumor que curvava.

O grito de dor tingiu todo com efeito soñado por d. Carolina.

## O CONCEITO DE ORIGINALIDADE E OUTROS - D. Milano

Nessa época tem a mania da originalidade, — exagero de que se pecam anteriores se defendem, evitando-las a dispersão motil da atividade do espírito para além de regras certas e invariáveis, uma disciplina exemplar que impedia as liberdades de meu gosto e exigia uma atitude continuada sobre o verdadeiro objeto da Arte.

A originalidade é um mau ponto. Teme-se essa palavra, é um ótimo exemplo de inéptez. Retorno de províncias, de fábricas, de arruínadas, que querem fazer sucesso, caem no costume, chamam a atenção sobre si. Tornou-se assim a originalidade uma procura de efeitos superficiais. Por isso mesmo é desprezada pelos nobres espíritos, pelos puros, pelos melhores.

E é bem inventar formas e alegorias poéticas sem consequência, fantasiar ideias absurdas. Basta desvirtuar e invertê-las e sentido plástico das coisas. Disto os modernos têm pleno uso e proveito algum. Não há originalidade possível nos estilos das vidas — em religião, em beleza, em poesia. Há "obedienteza", compreendendo.

O que é perceber o mistério sentido na vida, seguir a maneira religiosa verdadeira, é em poesia o caminho certo.

A poesia é uma força elementar. Talvez o poeta devesse até descrever a "írase", a "ideia", a "imatriz". O que o cerca são forças elementares: a água, o fogo, os mundos, as formas, os enigmas, as pedras, o amor, a morte. As "ideias" ficam fraca diante dessas forças que não param inutilmente.

Exemplo de "verso elementar": "Lácteas de imortal conteúdo"; "Transportas a dentro esses espaços". Exemplo de verso-frase: "Sob o chão estendido do luar". — Não sei se me fiz entender bem. O que introduz o pêma é a frase, a frase é a imagem inutil. A simplicidade é uma coisa dura, como a vida do monge. E não só na poesia, em todas as artes o que se empobrece é a "frase", a "ideia", a "imatriz" inutil.

Entre a Venus de mármore templetamente inutil como mulher, mas que, se não existisse o mundo teria menos valor, e uma mulher viva, porém menos bela, a qual, se não existisse, o mundo nada perderia com isso, é sem dúvida infinitamente preferível a existência da Venus.

Assim com a Poesia. Embora inútil para os homens práticos, o mundo sem poesia seria um corpo sem beleza, matéria grossa, objeto sem valor.

Preciso inventar todas as matérias que quiserem, nem haverá substituirá a poesia.

Todo poeta principia avançando de cima e termina voltando vagarosamente.

Credo mesmo que a Poesia é um caminho para traz, um caminho para dentro.

Quando o "poeta" escreve, o "homem" está bem no centro de si mesmo, em fusão com o mistério do espírito, com a espiritualidade da vida. Daí esses pensamentos constantes do poeta em torno das imagens da morte e da imortalidade. — o que significa, não vontade de suicídio, mas superação de si próprio. O desejo de morrer, em tida.

alguns poetas, é desejo de eternidade.

A linguagem nos torna anti-fato?

Dádu, aluno do curso primário de literatura infantil, faz uso de uma espécie de primitivismo não desprovisto de certa ingenuidade feliz. Pois essa obra denota nascença de sentimento e um certo nível intelectual. — o que é, entrincheirado tudo por uma forte dose de cinismo e inconsciência que tornam o indivíduo temível, porque a audácia, mesmo a ignorante, nunca se dá por vencida.

Os antigos meditavam, não analisavam.

Não tenhas medo de pensar, nem do que os outros pensariam dos teus pensamentos.

O homem olha para o mar como quem vai encenhar-se dele, ou contempla-o amesquinhado diante da sua imensidão. São estas as duas atitudes diante da vida.

Como considerar "antiga" uma obra de arte que vai ser vista "pela primeira vez" por futuras gerações e provocar-lhes o estorvo e a admiração? Tal obra é antiga, moderna e futura.

A vida interior deve ser um debate dos problemas eternos, não uma evocante fantasia.

Ao contrário do que poderia parecer, quem se ocupa com o "detalhe" e que é sintético; exemplo: a "Vaga" de Hokusai, a pintura oriental, os hadas de Li-Tai-Pe. Quem se preocupa com a "generalidade" é profuso; exemplos: Whitman e o "Universal"; Vitor Hugo e "Téternité".

Qualquer indivíduo sem praça, mas aplicado, pode ser um bom gramático, um bom historiador, etc. Mas uma bailarina representa muito mais. Parece frívola, é muito mais profunda.

No verso-livre, a cada linha o autor acorda, hesita, ante um novo problema a resolver, um novo ritmo a formar. É um bate, um latido, uma separação de verso a verso, que cansa ainda mais o leitor do que a monotonia do verso regular, e o faz olhar com certa indiferença e enfarruhar essa inutil diversidade de ritmos (dinâmicos?) essa dispersão de forças, românticos? essa curiosidade logo sacada, por o que ele desvia e procura é um ritmo que o arraste e suga, que o seu poder e encanto. Por isso o verso-livre tem sempre uma tendência para a divulgação, sem grandes consequências. A irregularidade do ritmo produz a desordem do espírito. Tal verso tem todos os defeitos e dificuldades da prosa, sem ter a sua qualidade principal: a união, a linha constante que mantém o espírito atento.

O verso-livre é a lira par-



## ARMILAVDA

Armillavda, ô doce Armillavda,  
Lembra-te do tempo em que descoloríramos o universo.  
Lembra-te do tempo em que se descerrava a cortina das nuvens  
Em que ficávamos na varanda à espera da lua,  
Em que retinhamos a respiração diante do movimento das ondas?

Em que folheávamos grandes livros de gravuras,

Em que nos debruçávamos sobre o mapa da terra.

Lembra-te quando te apontei um dia a Áustria,

A Índia com seus palácios monumentais,

A China da profundidade e do mistério?

Armillavda,

Sei que te lembras do tempo

Em que anos para o campo assistiu ao germinar da semente.

(Corria, solta a cabeleira ao vento,

Tuas pernas eram fortes e polidas

E os lacrantes azuis do teu vestido,

Se contundiam com as borboletas do mato).

Sei que te lembras do jogo de bilhar no quarto ladibrado.

Da noite em que surgiste de domino naquele baile de máscaras,

De nossas primas tocando piano a quatro mãos.

Da grandes nuvens de pedra e da surpresa de arco-íris das nuvens,

Que te fêderam de tudo... Das nossas respirações em suspenso,

Das longas confidências no jardim de magnólias,

Do movimento das ondas, lá fora, despenteando a praia...

Sei que colecionaste todas as imagens,

Que de vez em quando sobre-te as narinas o cheiro das magnólias

E que tentas recompor a era do entrelaçamento de dois seres.

Armillavda, Armillavda

O tempo é o mesmo, retinha nos campus a semente de outrora,

A tua chega esta noite entre rendas de nuvens,

As ondas lá fora despenteiam a praia,

Armillavda, Armillavda, o tempo é o mesmo...

Nos palácios monumentais da Índia

Latitude triplas de párias e soldados nus,

Na China da profundidade e o mistério

Morrem crianças e velhos metralhados.

Conquistaram tantas mapas, leram tantos livros...

Mas não tinhamos lido a história de Abel e Caín.

## MURILLO MENDES

# Mundo sem ideal Nomenclatura química - Antenor Nascentes

Através os cursos da Universidade de Porto Alegre, o professor Darcy Alambra, que ali rege a cadeira de Direito Constitucional da Faculdade de Direito, pronunciou, em março findo, uma notável oração emérita à mocidade.

Desse trabalho, em que com tanta verdade tanto desvelor, é analisado o aprimoramento mundo de hoje, transcrevemos aqui "data velha", os três pequenos capítulos que seguem:

## A MORTE DE PAN

Se através da lenda, que é a filosofia primeira dos povos, se quisesse exprimir o sinal dos tempos atuais, a causa da sua angústia e as razões dos seus desvarios, seria com a que Platônico recolheu sobre a morte de Pan, o grande deus da natureza e da energia que anima todas as coisas.

No reinado de Tíberio, um marinheiro grego de nome Tamus ouviu, dentro de sua galera e no meio do oceano, em plena noite, uma voz prodigiosa, que saiu da negra água do negro céu e lhe mandava anunciar ao mundo que Pan, o grande deus, morrerá. Entre o pavor e a dúvida, Tamus, na manhã seguinte, se aproximou-se da costa, subiu à proa da galera e gritou: — O grande Pan morreu!

E das pratas azuis do Mediterrâneo, dos bosques, das montanhas, das fontes, das vales, dos rios, um imenso clamor de pranto e desespero se derramou por toda a terra.

Essa lenda, derradeira flor do gênio grego, simboliza a morte da Antiguidade clássica. Em vão o Partenon alvejava ainda no topo da Acrópole, debalde o Capitólio ainda lembrava o poder de Roma, por que o espírito que criara os monumentos, as academias e as instituições da Grécia e Roma tinha desaparecido. O mundo antigo morrera e nascia o mundo novo.

Hoje, no reino das oceanides, das ninhas e aérides, tritões, dragões e levitáculos de aço rujem e estrondeiam, vomitando a morte. No estridor da batalha universal nenhuma voz existe mais para anunciar que Pan morreu de novo. Mas os poetas, sempre sensíveis às transformações dos tempos, compreenderam que um mundo ia morrer outra vez. Um deles, o maior de nossa Pátria, pensou e catalisou e, como o marinheiro grego, exclamou:

"Bocas bradando no céu de minuto em minuto,  
"Olhos, velando a terra em sudários de pranto,  
"Corações, num ruirar de tambores em luto,

"Gnaias, carp, gemel e ecoal de porto a porto.  
"De mar a mar, de mundo a mundo a queixa e o espanço:  
"O grande Pan morreu de novo! O ideal é morto!"

## AUSÊNCIA DE IDEAL

Sem futeis pessimismos se pode dizer que a civilização contemporânea, iniciada com os grandes descobrimentos e invenções do século XVI, não tem ideal, e de uma grandeza ilusória, de esplendor aparente, e, por isso, se está desagregando com fragor.

Ideal, segundo a definição exata de Davenson, é uma concepção da vida, do homem e do mundo. Essa concepção pode ser falsa, mas desde que aceita como verdadeira, a vida dos indivíduos das coletividades, que a adotam, adquire sentido e harmonia, amplia-se e torna-se fecunda. Sem ideal, o esforço humano é estéril, a vida uma agitação inutil, as civilizações norteiam originalidade nem força. Se o ideal faz o homem feliz, porque lhe dá energias para suas empresas e lhe transforma em estimulo os próprios infortúnios. O homem de todas as grandes épocas históricas, diz Berdinez, tinha um ideal: o ideal da antiguidade clássica era o filósofo, o dos primeiros séculos do cristianismo era o santo, o da Idade Média era o cavaleiro. Mas o homem do século XX não tem ideal nenhum.

Durante algum tempo o homem moderno acreditou que a ciência lhe daria uma concepção harmônica do mundo e da vida. No entanto, pondera Davenson, com razão, como poderia a ciência nos auxiliar a resolver os problemas que a vida de hoje nos apresenta? Não será com a teoria cinética dos gases, nem com a da relatividade de Einstein, que se resolverão a questão social e a divisão das matérias primas. A ciência procura a verdade, mas uma verdade parcial, e desgracadamente os progressos da mecânica, da física e da química vieram tornar ainda mais cruéis as lutas entre os homens.

## O DEUS "TÉCNICO"

Nos últimos decênios, foi a Técnica o deus e o ideal do homem moderno. Ela jorrou sobre o mundo milhares de aparelhos e produtos para tornar a vida melhor. O automóvel, o avião, o rádio e os remédios, eram como o ideal materializado. As distâncias suprimidas, os sons de toda a terra captados diutamente, a saúde em vidros e comprimidos...

Foi mais uma ilusão. Os homens empregaram para o mal esses maravilhosos produtos da técnica, exigiram deles uma felicidade que somente poderiam encontrar dentro de suas próprias almas. Por lhes faltar essa luz interior, os homens de hoje, senhores de tantos prodígios, são mais infelizes que antigos, seres enfermous e nervosos, que causariam do aos seus antepassados do século de Pericles ou de Augusto.

A arte poderia ter sido o ideal de todos, mas foi apenas a paixão de poucos, porque a beleza, "que é a força e a graça na simplicidade", não conseguia atingir formas superiores em uma civilização apressada e banal. A arte moderna, salvo raras exceções, ou vegetou na mala chata vulgaridade, ou explodiu em novidades deformes, "que espantam e detêm a multidão como um monstro numa feira", na frase caustica mas exata de Eça de Queiroz.

Jamais será grande uma civilização sem ideal, não terá nunca aquela harmonia fecunda, aquele perene esplendor que caracteriza as eras de plenitude da vida. Porque o ideal é que caracteriza a verdade com a beleza e torna possível a felicidade; ele é a luz para a inteligência e a aza para a imaginação, sem as quais nenhuma delas se ergue do lodo e do pó. Ao seu apelo irresistível, o homem quebra os grilhões do limitado e do efêmero, eleva para os céus as pirâmides, as acrópoles e as catedrais, desafia a eternidade com as hipóteses sobre a vida e sobre as órbitas dos astros, projeta no infinito a angústia da sua origem e a esperança do seu destino.

Os nomes triviais e alguns países não é levado a sério como químico pelos seus colegas; fica completamente desmorulado na classe.

Acaba não sendo considerado químico pelos filólogos nem filólogo pelos químicos.

Imaginemos um Berthelot tratando das raízes céticas existentes em francês ou um Ostwald ocupando-se com problemas de fisiologia germânica.

Felizmente o mesmo se passa aqui.

Não conheço nenhum dos nossos verdadeiros químicos que se dê o ridículo de querer passar por filólogo.

Eles se ocupam com suas questões técnicas e o tempo não chega para frioteiras filológicas.

Continuemos.

Em matéria de hidrocarbonetos, adotou-se a designação ana para os hidrocarbonetos saturados.

Os nomes atuais dos quatro primeiros hidrocarbonetos não-mais saturados (metileno, éthanato, propane e butane), foram conservados.

Nos hidrocarbonetos não-saturados, de cadeia aberta, que possuem uma só ligação dupla, substitui-se-a a terminação ana do hidrocarboneto saturado correspondente pela terminação eno. Ex.: propeno, hexeno, etc.

Quanto aos radicais, estabeleceu-se que os radicais univalentes que derivam de hidrocarbonetos alifáticos saturados pela supressão de um átomo de hidrogênio, serão denominados substituinte-a a terminação ana do hidrocarboneto pela terminação ylêne.

Os nomes dos radicais bivalentes, derivados dos hidrocarbonetos alifáticos saturados pela supressão de um átomo de hidrogênio em cada um dos dois átomos de carbono terminais da cadeia, serão:

éthylène, triméthylène, tetraméthylène.

Tais são as mais importantes resoluções de caráter internacional.

O assunto não tem sido discutido pelos nossos químicos.

O 1º Congresso Brasileiro de Química aprovou moção do dr. Alfredo de Andrade, na qual se solicitava a unificação da nomenclatura química em nosso país, tomando por base a que se encontra nos trabalhos de Seabra e Caldeira, os primeiros que no Brasil escreveram compêndios didáticos sobre a matéria.

No 2º Congresso, o dr. José de Carvalho do Vecchio propôs moção em que apelava para o Ministério da Educação no sentido de nomear-se uma comissão que se encarregasse de adaptar ao nosso idioma a nomenclatura aceita pelo Comitê Internacional de Química Pura e Aplicada.

Entre outras considerações fez preceder das seguintes a sua moção:

"A empresa do estabelecimento de uma nomenclatura unificada, parece-nos ser hoje muito mais fácil do que então [no tempo de Seabra e Caldeira], uma vez que seja adotada, como base, a proposta do Comitê Internacional de Química Pura e Aplicada."

Vejamos as principais regras propostas pela Conferência Internacional de Liège:

Em matéria de generalidades, preponderaram as regras I. e III.

A I estabelece que se trará o menor número possível de mudanças à terminologia universal.

A III, que é importantíssima para cada povo, estabelece que a forma precisa dos vocábulos, das terminações, etc., que serão prescritas nas regras, deverá ser adaptada ao gênero de cada língua.

Aqui cessa a ação do químico para entrar em cena a do técnico, que cultiva o estudo da língua.

Os químicos devem preencher-se com suas experiências, com suas provetes, suas retorcas, seus fornos.

O que resta da língua do seu

país não é levado a sério como gua Grega, Rio, 1909, s. v. chrys-

mio).

Dai as formas argônio, criptá-

neo, néonio, e tantas outras.

Para os sais binários estão sendo banidas as letras ur que tinham da adaptação do suíço elto as formas francesas em ure.

Assim, já se diz correntemente idoto, brometo, cloreto, etc. em vez de ioduro, bromuro, cloruro, embora algumas destas formas e ainda curiosas sozinhas em certas casuísticas sociais extraordinária utilidade.

"Só para os compostos de enxofre, diz Wanda Alves de Souza no capítulo "Da importância pedagógica da nomenclatura química", no livro "A Química no Curso Secundário", Porto Alegre, 1933, dirigido pelo sr. Pecequinho do Amaral, só para os compostos de enxofre teria correto usar "ulfato" porque o "ulf" não pertence ao suíço, mas à rústica "ulf".

Mesmo neste caso, entretanto, aconselhamos a expressão "ulfato", pois que os sulfatos correspondentes não se chamam, também, de "sulfurito", nem de "sulfato".

A adaptação da terminologia relativa aos hidrocarbonetos saturados deve ser em eno, como no espanhol e no português de Portugal.

Assim: protano, metano, propano, etilano, butano, valerano, etano, deutano, pentano, hexano, etc.

A adaptação para os hidrocarbonetos saturados, a qual agora varia entre ano e ano, deve ser feita em eno, como em espanhol e no português de Portugal.

Assim: eteno, meteno, propeno, buteno, etc.

Quanto aos radicais ylêne deve ser adaptado para lio, igualmente ao espanhol e ao português de Portugal: ethilo, metilo, etc.

Ao lado das formas em lio, aparecem outras em lila, que não devem subsistir.

A própria palavra radical, é do gênero masculino.

Este gênero são os radicais em espanhol e italiano, sendo neutros em inglês e alemão.

A base da uniformidade internacional, devem ser ajustadas as formas em lio que Ramón Galvão propõe, (op. cit., s. v. methylió).

Alem de lio, conformar-se mais aos modelos internacionais a final lio deve ficar reservada para os corpos simples.

Amônio e etiongano são casos especiais que não se podem manter.

Nos radicais bivalentes derivados de hidrocarbonetos alifáticos saturados pela adição de um átomo de hidrogênio, ylêne deve ser adaptado para lio, como em espanhol e no português de Portugal.

Assim: acetilo, metileno, etc.

O francês, italiano, o inglês e alemão conservaram o uso da conferência de Liège.

Abandone-se o eno proposto pelo barão de Ramiz, (amilenio, methylenio), pelos mesmos motivos que nos fizeram preferir o lio a lli.

Muito menos se adole eno, que se ouve em metilene, por exemplo, na expressão comum: azul de metilene.

Sabendo as presentes condições a competência dos nossos químicos e especialmente a Sociedade Brasileira de Química, a que sou muito grato pelo auxílio que me tem prestado.

Entendem-se as minhas propostas, preenchem-se as minhas lacunas, prepare-se um projeto completo que possa ser apresentado a um terceiro congresso brasileiro de química, especialmente convocado para tratar da importante questão da nomenclatura.

O que é preciso é que a química, a exemplo da mineralogia e da geologia, veja unificada a sua nomenclatura, tirando estandartes e especialistas da confusão em que atualmente labram.



# BELEZA ORGULHOSA -

José Rodrigues  
Miguel

Ilustração de  
Oswaldo Goeldi

José Rodrigues Miguel é um escritor português, dos mais característicos da sua geração. Reside nos Estados Unidos, e ali trabalha ativamente, no sentido literário e no sentido político.

Amigo do Brasil, tendo aqui grande número de amizades, entre amigos de letras e jornalistas, José Rodrigues Miguelas é um dos primeiros a promover o seu próximo livro de contos. E assim que em breve tempo deverá sair de uma de nossas editoras o seu livro "Casas de Inclinação e outras histórias", coleção preciosa de novelas, em que o escritor traça penetrantes retratos psicológicos dos seus personagens.

O seu livro de José Rodrigues Miguelas, "Autores e Livros", publica hoje a novela que se vai ler: "Beleza orgulhosa". Verá o leitor que é uma página impressionante, energética e viva, demonstrando-nos que o velho Portugal tem na nova geração um contor intenso, digno de escritor como Plautino de Almeida e Raul Brandão.

Por essa costa acima vai um temporal desfeito. Lívidos e fulgurantes, o Atlântico varre as praias desertas, engole inteiras flotias de barcos pesqueiros, ergue navios desarrumados para lançar terras a dentro. O "tornado" arranca pela raiz drúzes que viram desembocar os Peregrinos, leva as casas e os barreiros rolando na sua frente como cunhinas de papel, desfazidas sem conta. As pontes de uva vibram, vergam, param-se como brinquedos: os trens descarrilam e os raios arancados ficam retorcidos como cubos de aço, telanquedas. Os fios telegráficos verpustam o casco, assobiam, emaranhados como cadeleiras de cobre no vento... Erguidos sem peso das estradas, os automóveis jazem estranhamente como espantalhos entre as culturas devastadas, ou tombados, inâmimes, nos jardins. Torcos e coléricos, os rios industriais pulgam as margens, arrastam gado morto, casas, barcos sem governo, berços de nelos — meu Deus, que serial

meninos, gritos de aflição...

E' a América, é o monstro dos contrastes, lutando... A rádio não se cala, ansiosa e fanhosa, multiplicando ao infinito a ansiedade da gente. Seis horas, de pente espreite, murmurando-noite fechada. Os bars cheios, a luz velada, a música langue, pouco abatida (de passado) vejo um corpo estendido no tapete, não há memória. Aqui mesmo, um corpo de mulher, as pernas como suspensa do arranha-céu, a descoberto, brilhando na luz pura pelo vento, nos estalos e intensa. Que se passa? Mas os vivos, a imensa cortina da chuvira cerrada da volta à esquerda do hospital, e desfaz-se para fora, um homem em braços, pavimento, em baixo, com uma fumarada ruivida que o vento leva e dissipá. O asfalto da rua parece um rio negro e oleoso. Temporal assim. Ninguém na rua. Os arranha-céus zumbem no vento musical. E as janelas balbam por ai como quebradas, de terror. A cidade parece alucinada.

Nisto ouço uns brados de aflição, que se confundem com os uivos do vento e os estalos das folhas de barcos pesqueiros, ergue navios desarrumados para lançar terras a dentro. O "tornado" arranca pela raiz drúzes que viram desembocar os Peregrinos, leva as casas e os barreiros rolando na sua frente como cunhinas de papel, desfazidas sem conta. As pontes de uva vibram, vergam, param-se como brinquedos: os trens descarrilam e os raios arancados ficam retorcidos como cubos de aço, telanquedas. Os fios telegráficos verpustam o casco, assobiam, emaranhados como cadeleiras de cobre no vento... Erguidos sem peso das estradas, os automóveis jazem estranhamente como espantalhos entre as culturas devastadas, ou tombados, inâmimes, nos jardins. Torcos e coléricos, os rios industriais pulgam as margens, arrastam gado morto, casas, barcos sem governo, berços de nelos — meu Deus, que serial

meninos, gritos de aflição...

Os gritos calaram-se, um silêncio mortal sobre já das fundas da cave. Impossível passar, e não se cala, ansiosa e fanhosa, multiplicando ao infinito a ansiedade da gente. Seis horas, de pente espreite, murmurando-noite fechada. Os bars cheios, a luz velada, a música langue, pouco abatida (de passado) vejo um corpo estendido no tapete,

uma corposa de mulher, as pernas como suspensa do arranha-céu, a descoberto, brilhando na luz pura pelo vento, nos estalos e intensa. Que se passa? Mas os vivos, a imensa cortina da chuvira cerrada da volta à esquerda do hospital, e desfaz-se para fora, um homem em braços, pavimento, em baixo, com uma fumarada ruivida que o vento leva e dissipá. O asfalto da rua parece um rio negro e oleoso. Temporal assim. Ninguém na rua. Os arranha-céus zumbem no vento musical. E as janelas balbam por ai como quebradas, de terror. A cidade parece alucinada.

Nisto ouço uns brados de aflição, que se confundem com os uivos do vento e os estalos das folhas de barcos pesqueiros, ergue navios desarrumados para lançar terras a dentro. O "tornado" arranca pela raiz drúzes que viram desembocar os Peregrinos, leva as casas e os barreiros rolando na sua frente como cunhinas de papel, desfazidas sem conta. As pontes de uva vibram, vergam, param-se como brinquedos: os trens descarrilam e os raios arancados ficam retorcidos como cubos de aço, telanquedas. Os fios telegráficos verpustam o casco, assobiam, emaranhados como cadeleiras de cobre no vento... Erguidos sem peso das estradas, os automóveis jazem estranhamente como espantalhos entre as culturas devastadas, ou tombados, inâmimes, nos jardins. Torcos e coléricos, os rios industriais pulgam as margens, arrastam gado morto, casas, barcos sem governo, berços de nelos — meu Deus, que serial

meninos, gritos de aflição... Os gritos calaram-se, um silêncio mortal sobre já das fundas da cave. Impossível passar, e um drilho estranho na luz crua mais triste. Então, fazem fados, projetores, como num show. (Abafa-se neste casa). Os detetives estão a ouvir a mao.

Descobertas na morte seu pudor. O seu orgulho. Miami, Bahamas, Bermudas, mas cinquenta e tal de Nova York... Desta vez seu retrato vivo na primeira página do "Mirror", do "News", do "New York-American". Publicidade! — tarde demais. Polidas e frias, causando escangalhados... Não queria

só horror: a sensação do belo-horror de que as porterias voltaram. Queria que a mulher voltasse para o pé dele. Mas aqueles ciumes?... Não a deixava

escapar, haja tanta perna bonita, tanta sede de manhattans, de cuba-libres, de "swing" e esquecimento. Não havia mais

grinaldas frábicas de cintas nas suas pernas puras (cerveja de amôndio e orgulho). Só vermes

em procissão. Em silêncio, sem gorgetas das porterias. (Em que está o senhor a pensar?) Estendida no tapete. Os policiais olham, de chapéu na cabeça, aborrecidos, fumando charuto de cinco centavos, pensando talvez no janior, e espera de que?

... A educação que os pais deram. Não houve sacrifícios que não fizessem por esta filha. E acabar assim. Parece mentira. E então numa tarde deixa. Um temporal de meter medo. Quanta desgraça! Olhe a tirarem mais retratos. Legeram o mais novinho para casa duns vizinhos. Pobre criança, assistiu a tudo. Ah foi ele que gritou, então? Era a voz dele. Era a dele. Estão a fazer perguntas à mãe. Cottida, tem os olhos secos de tanto chorar. Aquela é o filho mais velho; a senhora bonitinha é a mulher.

Boa gente, sabe? Vi sair o marido em braços, para a ambulância. Ainda a viu? Pois... Carregaram com ele e deixaram-na

... Ah então ela estava separada do marido? Há seis meses. Um pobre diabo. A família não fazia caso nem dele. Gente rica, sabe. O pai era banqueiro. E ele tão pobre? Parecia um mendigo, os sapatos

escangalhados... Não queria trabalhar, um doente. Educação? Queria que a mulher voltasse para o pé dele. Mas aqueles ciumes?... Não a deixava

escapar, haja tanta perna bonita, tanta sede de manhattans, de cuba-libres, de "swing" e esquecimento. Não havia mais

grinaldas frábicas de cintas nas suas pernas puras (cerveja de amôndio e orgulho). Só vermes

em procissão. Em silêncio, sem gorgetas das porterias. (Em que está o senhor a pensar?) Estendida, esta gente toda a

olhar. Ainda tem as malas aquela canto, né? Só vestidas são para cima de cem. O empresário tinha a convite para falar com os jantares esta noite, no "uptown". E a mãe, que fosse, precisava se divertir, e o empresário tão interessado, tão boa pessoa. Estiveram naquilo

(Continua na página seguinte)

## BELEZA ORGULHOSA.

(Continuação da pág. anterior)

horas, vou-não-vou. E não foi. Imagine, a morte aqui à espera dela! Mas porque não foi? Não queria andar com judeu. Que era mau para a reputação. Mas eu julguei que eram judeus? Não, são russos, são da Ucrânia. Cottadinhos, os sacrifícios por aquela filha... Vou o empresário, mister Goldstein, acho eu, e ela... — peço desculpa mas o tempo está tão mau! Ele finge embora no automóvel, fica para outro dia, passe muito bem. Esteve a mudar de vestido, calçou as sandálias para dansar. Deitadas, olhe para aquilo. Uma fortuna só o que ela comprou para ir a Bermuda. Um guarda-roupa. Tinha-se possam vender. Um ror de dinheiro. Bom, com esta chuva — chega o marido, um pobre diabo. Queria vê-la. Viam-se as verdes. Ela evitava se podia. Aparecia por aí, davam-lhe de jantar, tinham pena dele. Não era má rapaz. Iom-se a sentar à mesa para jantar, que fantasei também, e ele acertou. Muito sorprendido. Comeram sanduíches e beberam café, ali na casinha. Olhe a cadelha, não se tem tirado do mesmo lugar: seis cachorrinhos, leem otto dias! Ali ficou a ganir. Bom,

## A compensação do Amor

Joaquim Manuel de Macedo

Tudo neste mundo é mais ou menos compensado; o amor não podia deixar de fazer parte da regra: ele, que dava um nadinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flor já murchara engenhou o mal vivo contentamento; que por um só cabelo faz escravos tais que nem mesmo a sorte grande os causaria; que por uma cartinha de cinco linhas põe os labios de um pobre amante em inflamação aguda com o estalar de tantos belos; com o estalar de tantos belos; se não proutasse também agastadas arrufos, às vezes niquinhas colicas, outras urmargens de boca, palpitações, ataques de hipocondria, prurido de canas, etc., seria tão completa felicidade ca em baixo que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.

## BIBLIOGRAFIA DE J. M. DE MACEDO

(Continuação da pág. 232)

Teatral foi ativa, proficia e de rara intensidade.

Em o nº 19 da "Revista do Brasil" há um estudo: MAR-TIUS.

No tomo 27, pág. 447, vol. 141, da "Revista do Instituto H. e Goot Brásileiro", há uma proposta para serem reunidos em volume os discursos e relatórios do comunista.



Macedo, no tempo da mocidade

ele começou na do costume: que voltasse pra pé dele, já tinha arranjado emprego (mentira), que se deixasse de dansas, de cabarés, de companhias. Mas quem diria? Conversa mais natural! Forum para a sala e de repente disse assim: "Então tu não queres voltar pra pé de mim?" Como se não fosse nada. A pequena sorriu. "Não se fala mais nisso, Bob, e ficamos amigos". Fuziu da pistola: "Então mata-te". Juizaram que fosse brincar! Arapariga ia abrir a boca, e ele deu-lhe o tiro mesmo entre os olhos. Foi logo a matar. Agora já não se pôs a tapar-na com a serapilheira. Mas porque não lhe tapam as pernas, colatinha? É uma desumanidade, tudo à mostra... Levar as mãos à cara, parecia a pobre que não queria ver a morte. Cuita-seu dizer ai! Não podiam acreditar. Ele pôs-se a andar a rada da casa, como tonto, com a arma na mão, a falar sózinho. Parecia contrariado, não sabia se morria se não morria. O pequeno e a mãe desceram aos gritos. Foi um instante. Viu-a pistola à cabeça, — e lá o sinal da bala? Afrancou-lhe as miolas e fiose espantar no alisar da porta. Um doido, que até já se andou tratar. Sempre armado, era aquela maria. E os médicos, não preventram a família? Pois, mas quem faz caso? Podiam-lhe salvar. Era ler, dado parte à polícia. Isso sim, pena dele! Um dia lá em casa estava metido no quarto, e ouviu-se um tiro. A rapariga correu logo. Ele estava de revolver na mão a ria: "Sabia que logo vinhas". Tinha dado um tiro no travessão da cama! Coisas mesmas de doido. Falava de acabar com a vida. Mas não quis ir só. Olhe que já é egoísmo... Escute, é o telefone. Chegou notícia do hospital. Morreu? Acahou-se. Agora mesmo. Não torne a falar. O agente que foi à casa deles encontrou-lhe dois relógios, ambos carregados. Deixou um bilhete para a irmã: "Tinha de ser". E outro para a polícia: "Peço desculpa de incomodar os senhores". Vinha entida premeditando...

A GENTE vai salvo. Os detetives parecem aliviados. Os jornalistas acabaram de tomar banho.

Beleza orgulhosa, beleza litorânea, dentes vestidos, o futuro, uma carreira. Estendida no tapete onde dançava silenciosamente soltando os encantamentos das sandálias doceiras. E os sacrifícios dos pais: Toda a vida pelas coxas dos prédios ascendendo lumes, despejando fogo, metendo carvão, o molho das chaves mostrando a casa que está para arder, ouvindo reclamações arrancando as tortores que pingam. E a Ucrânia no fundo das deles, tremelivel. E aquela filha de cara dura e fechada, bela, orgulhosa, que nunca largava, abanando os escalehantes dobrados. Era mesmo a girl de cabaré que vocês sonham, de ella classe. Bela profissional. Soltando um falatório. Morta. A mãe nunca que ouviu que sujavam aquela casa: "Olhem as unhas..." E agora ai está. A América, o futuro, retratos nos jornais, uma carreira, as pernas incomparáveis, uma educação como elas lhe deram. E esse vento, nesse é o nome avulso. Diz que vai por ai muito desastroso, mortes, inundações. A charra vai como no cinema. Uma charra mesmo americana. E os vizinhos a olhar. Que esperam elas? O pai sai, em mangas de camisa: São horas de ir. Impar as cinzas da jornalha, sacudir as gribas, recolher o lixo do alerman por onde sopra, um vento que cheira a podridão. "All right! Let it go!" O jantador vai ao seu serviço e a morta fica morta. A charra amainou. A noite parece cansada do temporal. O ar está morto.

"Gee", a gente entra noite vai mas já no cinema, distrair um malgalho. A casa ficou cheia do crime.

(Continuação)

O CHAPELINHO AMARELO.

## Um comentário em torno de "Autores e Livros" - Mário Leão

A "Folha da Manhã", de São Paulo, teve, outro dia, aacerca de AUTORES E LIVROS, palavras que muito lisongearam o diretor desta publicação. Um ponto existe, entretanto, no editorial ali publicado, que precisa ser esclarecido. E' a observação, que a AUTORES E LIVROS, faz o jornalista paulista, do só ter até agora o suplemento literário de A MANHÃ tratado de uma figura de S. Paulo, que é Francisca Julia.

ORA, isso não é propriamente a verdade. De certo o autor da nota em apreço não tem acompanhado os vários números de AUTORES E LIVROS, que vem sendo publicados. Porque, se os houvesse visto, teria verificado que, se o nosso número 14 era, em parte, dedicado a Francisca Julia, o nosso número 6 era, em parte dedicado a Amadeu Amaral, e o nosso número 3 era totalmente dedicado a Eça de Oliveira. E Amadeu Amaral e Eduardo Prado são — a não ser que estejam errados todos as informações ate agora existentes — os paulistas quanto Francisca Julia.

A verdade, porém, é que AUTORES E LIVROS não tem

nenhum teve, nem terá jamais

qualquer preocupação regional.

Considera-se uma publicação

fácil para o Brasil, e é nesse

sentido brasileiro que existe e

procure realizar-se. Poderíamos,

a esse respeito, fazer, já hoje,

uma curiosa excursão entre os

números da estatística.

Se a fizéssemos, veríamos o seguinte: AUTORES E LIVROS, reuniu, ate hoje, 35 escritores, postos em foco em nossas pequenas e semanais antologias. Estes escritores se distribuem assim, por Estados: Para, um; Ingles de Souza; Maranhão, oito; Raimundo Correia, Arthur Azevedo, Joaquim Serra, Gonçalves Dias, Humberto de Campos, Maranhão Soárez, Cracá Aranha, e Alziro Azevedo; Ceará, três: Araripe Junior, José de Alencar e Franklin Tavora; Paraíba, um: Augusto dos Anjos; Pernambuco, um: Joaquim Nabuco; Sergipe, um; Jackson de Figueiredo; Bahia, três: França Junior, Francisco de Castro e Xavier Marques; Estado do Rio, oito; Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Raul de Leon, Salvador de Mendonça, Raul Pompeia, Alberto de Oliveira, Castro Menzes, Joaquim Manoel de Macedo; Distrito Federal, cinco: Laurindo Fabelo, Machado de Assis, Olavo Bilac, Mario de Alencar, Visconde de Taunay; São Paulo, três: Eduardo Prado, Amadeu Amaral e Francisca Julia.

Ai está. O diretor de AUTORES E LIVROS é pernambucano, teria, como qualquer outro brasileiro, direito a cultivar os seus naturais sentimentos de patriotismo, direito a procurar colocar o seu Estado acima dos demais, pelo menos nesses assuntos de literatura. Entretanto, ate agora, só organizou para o seu querido Pernambuco, um suplemento: — o de Joaquim Nabuco. E quantos já poderia ter organizado se se deixasse influir pelas preocupações locais! Oliveira Lima, Medeiros e Albuquerque, Silva Ramos, Maciel Monteiro, Barbosa Lima, Martina Junior, Sousa Bandeira, Alfredo de Carvalho, Laurindo Lobo, Teodônio Freire, Pará Neves Sobrinho, Pinto de Campos, Artur Orlando, Dantas Barreto, Abreu e Lima, eis, entre muitos outros, alguns nomes pernambucanos, ilustres no estudo do pensamento filosófico ou literário, e que, tanto quanto os autores que já tem entrado em nossos suplementos, merecem essa modesta homenagem. O diretor do suplemento pretende, sem dúvida, incluir todos, mas antologias que vem organizando. Nunca se apressou em fazê-lo, porém, esperando que cada um chegue a seu tempo. O suplemento de cada um deles chegará, não tenham dúvida, como chegará o suplemento de cada escritor paulista

ta digno da homenagem, como chegará o suplemento de cada escritor brasileiro, de qualquer região que ele seja.

A amável nota a que aludo sugere a AUTORES E LIVROS vários nomes paulistas, dignos da nossa antologia — Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Batista Cepelos, Ricardo Gonçalves, Adolfo Araújo, Wenceslau de Queiroz, Antero de Oliveira, Cirilo Pisa, Gustavo Teixeira, Cirilo Costa, Martins Fontes. São os nomes ali citados. Quanto a Amadeu Amaral, já foi incluído como vimos acima, em uma de nossas primeiras antologias. Quanto a Vicente de Carvalho, seu suplemento já está organizado à espera do dia em que há de sair. Os de Batista Cepelos, Ricardo Gonçalves e Gustavo Teixeira, estão quase prontos.

Mas ao redator da "Folha da Noite" escaparam vários nomes ilustres das letras paulistas cujos suplementos já estão em nossa pasta, ou já organizados, ou ainda em organização, dependendo apenas da marcha do tempo, para serem publicados. Alvarés de Azevedo, José Bonifácio, Diogo Felijo, S. Leopoldo, Marília Franco (o autor de "Contribuindo"), Paulo Eiro, os dois Alcantara Machados, (José

e Antonio), Jasegual Varnhagen, Oswaldo Cruz, Alexandre de Gusmão, Homem de Melo, Malus Aires, Paulo Setubal, Valdomiro Silveira, Rodrigues de Abreu — eis alguns outros escritores paulistas os quais, com o desenvolvimento dos nossos trabalhos, haveremos de dedicar suplementos.

A nota que acabei de comentar, e que apareceu na "Folha da Noite", no dia 14 deste mês, me deu a oportunidade, que eu desejava há muito, de acentuar um ou dois aspectos da organização e da vida de AUTORES E LIVROS.

O principal desses aspectos, que desejo fixar de uma vez para sempre fixado no espírito de todos os leitores, é este: e que AUTORES E LIVROS faz questão essencial de ser uma publicação brasileira, no grande sentido, livre do menor vislumbre de qualquer regionalismo, e desejando apenas cumprir este programa que se traçou — a de ser um velho honesto, tão exato quanto possível, de todas as informações que sobre a cultura literária do Brasil, já seja desejável ter as novas gerações de estudantes, tão desprezíveis de livros completos e de baixa preço, que lhes ensinam o que foi a vila e o que foi a obra dos nossos autores eminentes.

## ROQUETTE PINTO NO PARAGUAI

-- Gilberto Freyre

De Roquette Pinto já vive ocasião de dizer, ao regressar dos países do Prata e do Paraguai, que é a figura de intelectual e homem de ciência brasileiro de quem se encontram recordações mais profundas no espírito dos nossos vizinhos do Sul, seu curso de filologia na Universidade de Assunção ainda hoje — mais de vinte anos depois, como no romance célebre — é lembrado por amigos discípulos ou simples ouvintes, com enorme simpatia e até entusiasmo. O paraguai é um povo de entusiasmo difícil.

Vejo agora que não há exagero nenhum nas palavras de Don Modesto Guggiari, acerca do mestre brasileiro. Guggiari chamou ao professor Roquette Pinto de "Embajador Extracurricular das ideias e sentimentos do povo brasileiro". E destacou que a missão puramente docente de Roquette Pinto na capital paraguaia foi completada por verdadeira ação de homem de Estado no sentido de nossa maior aproximação com a gente hispano-paraguai!

Muitas vezes esses "embajadores extraordinários", desdenhosamente chamados de "poetas" pelos cutros — que no caso sejam, sem malícia nenhuma, os ordinários — realizam obra muito mais segura no sentido do melhor entendimento entre dois povos do que a diplomacia convencional com todas as suas zumbalas e todas as suas preocupações pelos "resultados práticos". Tal o caso de Oliveira Lima em Washington. Durante o ano o Itamarati como que se especializou em enviar para aquele posto figuras bem preparadas, bem barbeadas, bem calçadas e mesmo — justiça lhe seja feita — bem educadas e bem comportadas. Mas sem relevo intelectual nenhum. Oliveira Lima, tendo feito da capital dos Estados Unidos sua residência, prestou ao Brasil este serviço que não deve ser esquecido nunca: foi ali o elemento de compensação à mediocridade inexpressiva dos diplomatas ordinários. Representou o Brasil — nossas idéias, nossa cultura, nossos sentimentos — junto às universidades, como Harvard, junto aos juristas, como Brown Scott, juntos ales intelectuais, junto à élite católica dos Estados Unidos. Retomou, nesse particular, o fio de uma tradição partida: a de

Joaquim Nabuco, que magnificamente reunira a representação oficial do Brasil a de baixo representativo da nossa cultura.

Homen representativo da nossa cultura — ou "embajador extraordinário das nossas idéias e sentimentos" — é o que foi Roquette Pinto no Paraguai; e não apenas o preciosíssimo de ciência, mas as suas aulas se tornaram verdadeiro encanto para os intelectuais e para a mocidade universitária de Assunção. Não apenas o zelador, de espírito científico, completado pelo artístico, que teve a paixão de cultivar a alegria de esclarecer um dos mistérios mais sutis da arte guarani do Paraguai: os significados místicos — ou, mais precisamente, os motivos de significação simbólica ideográfica — dos recortes de inúmeras mulheres paraguaias. Só os resultados dessa pesquisa — revelados no XXI Congresso International de Americanistas em 1924 — bastariam para marcar os dias que o professor Roquette Pinto passou no Paraguai como dia luminoso na história da etnografia americana.

Mas o contacto do ilustre cientista e intelectual brasileiro com o Paraguai teve resultados mais profundos e mais largos: é do professorado de Roquette Pinto na Universidade de Assunção que data a fase atual de melhor entendimento entre paraguaios e brasileiros, a qual o presidente G. Vargas, em novo e decisivo vigor, além de ampla significação. Caminhando para o dia em que a guerra com o Paraguai será lembrada quase como uma guerra civil — tardas são as afinidades que tendem a nos aproximar. Nossa dia o trabalho de Roquette Pinto em Assunção no ano da tomada de 1920, será lembrado aqui e no Paraguai, como uma espécie de inbanditi em ponto grande, visto com os idéias e sentimentos fraternos. As idéias animadas principalmente pelo sentimento de um interamericanismo cujas raízes veem de altitudes americanas de cultura tão profundas que diante de um paraguai o brasileiro tem quasi impressão de estar diante de um paraguaio ou de um europeu, de um americano, de um missionário do Rio Grande do Sul ou de um filho do Brasil Central.

# Contra as forças da Inconfidência

UMA ENTREVISTA DO ESCRITOR ERNST ROBERT CURTIUS, EM 1935, DEFENDENDO A CULTURA HUMANISTICA

"E SEMPRE MAU ESQUECER OU POR DE PARTE AS LIÇOES QUE O PASSADO NOS LEGOU"

Folheto, na biblioteca de Línguas Românicas — tribuna sempre aberta para a defesa do espírito.

Mas não é só como Mestre e pensador que temos de encarar este complexo temperamento intelectual. Ernst Robert Curtius consegue como raro a nossa História e, com ela, a cultura ocidental. Autor de trabalhos admiráveis sobre Proust — cuja obra lhe foi objeto dum estudo cuidadoso — a personalidade ilustrada de Balzac sugeriu-lhe um livro que é um depoimento nobíssimo. O seu "Balzac", que um francês se orgulharia de ler escrito, revela-nos um Curtius diferente, mais humano, mais ocidental, e é trabalho de altíssimo valor, resultando dum espirito perfeitamente ordenado, que se serve com brilho da sua cultura e, sem alarde nem ostentação, nela transmite com elevação e superioridade.

Julgamos ver o prof. Ernst Robert Curtius, na cidade de Bonn onde outrora foi a fortaleza de Castra Bonnensis, cercada de montanhas severas — o Reno lá em baixo a completar o quadro maravilhoso. Admira-nos-o percorrendo e estudando a sua deslumbrante catedral — bela igreja romana do século XI, com frisos de pinturas surpreendentes; calculamo-lo nesse Museu de Beethoven que guarda em cera o modelo das suas mãos geniais e lhe conserva num monumento sobrio à lembrança eterna do seu gênio de artista. E enquadramos a figura severa, um duende respeitável do prof. Curtius, nas alcamedas frondosas que conduzem ao Museu Provincial das Antiguidades ou a esse estranho Castelo de Popelendorf onde a Universidade guarda religiosamente as suas preciosíssimas coleções de História Natural.

Não sabemos que terá sucedido a Ernst Robert Curtius, rosto, como estava, de forças inimigas e implacáveis. Para não perder a sua cadeira, nem a atmosfera de sua cidade natal, a cidade de Beethoven, e prever que tenha aderido mordelmente e melancolicamente ao despotismo da hora.

Ultimamente, na Conferência das Comissões de Cooperação Intelectual de Havana, um delegado cubano apresentou uma moção de apoio à Inglaterra, portuguesa da luta do Império contra o despotismo e a infâmia do nazismo. Por proposta de um delegado brasileiro, a moção foi modificada, transformando-se numa manifestação "a todos os povos" que lutam pelos mesmos fins. Com efeito, nem é só o mundo britânico que estava e está ameaçado nessa luta; nem tampoco devemos esquecer que nos próprios terras onde cresceu a tirania nazi, houveram oprimidos pela máquina de Gestapo. Curtius, na Alemanha de Adolf Hitler, era um deus. E a sua entrevista, em julho de 1935, é cheia de subentendidos... Pode ser que ele haja estado reduzido ao silêncio, mas espera com certeza, a hora da libertação do seu povo e da sua Europa.

A entrevista que reproduzimos foi escrita pelo sr. Luiz Trigueiros, jovem escritor português, uma das personalidades mais sedutoras da nova geração de jornalistas hispanos.

Para bem se compreender a personalidade literária do prof. Ernst Robert Curtius é preciso,分明, enquadrar primeiro o nosso entrevistado de hoje no seu ambiente de trabalho: a Universidade de Bonn, nas margens do Reno — com a intensidade da sua vida mental e pedagógica. Figura de alto relevo no panorama intelectual da Alemanha, Ernst Robert Curtius reteve há pouco até nós com os seus elevados títulos de mestre, escritor e publicista distinção. Não há ninguém que conheça a ação cultural da Universidade de Bonn e que não queira imediatamente a clá e o nome lustro do Professor Curtius — que rege ali uma cadeira de

Línguas Românicas — tribuna sempre aberta para a defesa do espírito.

Mas não é só como Mestre e pensador que temos de encarar este complexo temperamento intelectual. Ernst Robert Curtius consegue como raro a nossa História e, com ela, a cultura ocidental. Autor de trabalhos admiráveis sobre Proust — cuja obra lhe foi objeto dum estudo cuidadoso — a personalidade ilustrada de Balzac sugeriu-lhe

um trabalho que é um depoimento nobíssimo. O seu "Balzac", que um francês se orgulharia de ler escrito, revela-nos um Curtius diferente, mais humano, mais ocidental, e é trabalho de altíssimo valor, resultando dum espirito perfeitamente ordenado, que se serve com brilho da sua cultura e, sem alarde nem ostentação, nela transmite com elevação e superioridade.

Julgamos ver o prof. Ernst Robert Curtius, na cidade de Bonn onde outrora foi a fortaleza de Castra Bonnensis, cercada de montanhas severas — o Reno lá em baixo a completar o quadro maravilhoso. Admira-nos-o percorrendo e estudando a sua deslumbrante catedral — bela igreja romana do século XI, com frisos de pinturas surpreendentes; calculamo-lo nesse Museu de Beethoven que guarda em cera o modelo das suas mãos geniais e lhe conserva num monumento sobrio à lembrança eterna do seu gênio de artista. E enquadramos a figura severa, um duende respeitável do prof. Curtius, nas alcamedas frondosas que conduzem ao Museu Provincial das Antiguidades ou a esse estranho Castelo de Popelendorf onde a Universidade guarda religiosamente as suas preciosíssimas coleções de História Natural.

E assim, emoldurado no ambiente poético e misterioso de Bonn, que admiravam os nossos entrevistado de hoje. Foi assim que o vimos durante a conversa rápida que lhe pedímos para o "Bandaré" num momento de descanso em plena floresta do Duque. Era, de fato, o prof. Curtius, de Bonn, quem falava conosco. Simplesmente, em vez das montanhas cobertas de neve tinhamos porante nos olhos todo o panorama magnífico que da Cruz Alta se alcança com a vista. Lá para longe, quase onde o horizonte termina para nós, a Serra da Estrela e o Caramulo recortavam-se a prumo na serenidade imensa.

E em vez do Reno e dessa Colônia de encanto e maravilha quase vizinha de Bonn, dividida lá em baixo o Luso, a Curiás, as feras festeis de Agueda ou, mais perto, o Vale dos Fetos, a Fonte Fria, a Porta das Lamas...

BALZAC

Julgo conhecer, tanto quanto possível — diz-me Ernst R. Curtius — a literatura francesa. Para mim há nela um motivo que especialmente me interessa: Balzac. E porque vi que nunca nenhum escritor estudara o seu pensamento, resolvi-me a preencher essa lacuna. O pensamento de Balzac — permanentemente político, religioso e social — abrange tudo e é a chave da sua obra. É preciso conhecê-lo para compreender a sua unidade espiritual e literária!

Todos os livros de Balzac espelham a mesma concepção do mundo. Ele foi o escritor mais universalista que teve a França — sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um escritor francês que "pensava" sempre e que fazia desta palavra "pensar" a ossatura da vida das suas figuras...

Não se diga que Balzac olha-

va apenas a forma e não o conteúdo moral das suas personagens. Balzac foi sempre o através de tudo, um criador de verdade — e de ideias.

— A que atribue então a pouca influência das obras de Balzac na moderna literatura francesa? Porque indiscutivelmente o autor de "La femme de trente ans" não exerceu a menor impressão nos escritores da França de hoje...

— Mas isso é a lei fatal das coisas, diz-me Curtius. O mundo tem sempre necessidade de novidades, de inédito. Tudo o que foi ontem dogma essente de verdade aceite, desaparece

com extrema viola, resultando dum

espirito perfeitamente ordenado,

que se serve com brilho da sua cultura e, sem alarde nem ostentação, nela transmite com elevação e superioridade.

Julgamos ver o prof. Ernst R. Curtius não hesita.

Responde-me com um sorriso amargo:

— Não. Não creio. Há, de fato,

por essa Europa aíem, uns tantos "movimentos" culturais e literários que se apresentam com rótulos mais ou menos diferentes. Eu tenho, porém, assistido à falácia de tanta originalidade que se apresentava resumindo vigo, tenho visto o envelhecimento de tanta "inovação", que não posso acreditar nas diferentes experiências que vejo por aí...

— Mas disse-me há pouco que o mundo precisava de "novidades", de inédito...

— A notável da que o mundo precisa consiste naquilo que já possa ou conhece mas disfarçado sob rótulos diferentes. É necessário — julgo-e — que as novas gerações façam uma educação humanista mais sólida. Urge que os novos formem conhecimento com os clássicos — onde tanto se aprende e onde há tanta coisa bela!

— Um regresso ao princípio...

— E porque não? Nada se perde em recuar — desde que se saiba depois avançar com os ensinamentos colhidos...

— Não creio que a civilização se salve — e grita-se tanto que é necessário salvá-la — sem uma intensa preparação humanista.

VIVEMOS UM MUNDO QUE SE TRANSFORMA

— E na Alemanha! Nota-se entre as modernas correntes literárias esse mesmo interesse pelos clássicos de que me falou?

— Na Alemanha não há hoje correntes literárias definidas — ou pelo menos não se seem. Quer nome? Talvez Thomas Mann — que descendente, aliás, de portugueses — e poucos mais...

— Poesia...

— Morreram os dois primeiros poetas da Alemanha contemporânea: Stefan George e Hugo Von Hofmannsthal. E hoje o panorama poético do meu país é desolador, árido, nu...

— A que atribue isso?

— Nos vivemos num mundo que se transforma, que busca ansiosamente novos rumos e diretrizes. E o mundo moderno tem mais com que se preocupar do que com a poesia...

— E, gentilmente, o prof. Curtius acrescenta:

— Talvez que em Portugal,

neste país idílico e bucólico que é o nosso, os poetas encontram

mais ambiente para cantar. Na Europa central perturbada e convulsa há tanto problema grave a resolver!

— A entrevista estava terminada. Somos chegados já ao fim da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

que criticismo que julgamos entre-

ver em Curtius durante as rápi-

das trocas de impressões que ti-

veu.

A entrevista estava terminada.

Somos chegados já ao fim

da mata — depois dum con-

versa que começara na Cruz

vastidão do panorama com os

Alta para morrer aquí, juntá os

seus olhos claros, como a que

escadas do hotel — e ressuscitar

agora nas colunas do "Bandaré".

Pedagogo e pensador, Ernst

Curtius quis dar-nos uma lição

— e não uma entrevista. Como

a recebemos, tão depressa tró-  
picos como amarga, assim e

transmitimos aos nossos leitor-

es, repassada mesmo daquele

</

# Pequena teoria da Bondade Brasileira - Cassiano Ricardo (da ACADEMIA BRASILEIRA)

Não é a força que é anti-brasileira; é a violência. Amamos o governo, o "corajosamente autoritário"; o que detestamos são os governos atrabilários. Só os governos fracos é que são violentos e partidários, contrários à nossa índole pacífica e conservadora.

\* \* \*

A violência — que é a "blitz" do mundo atual — só se encontra de um mérito que é o da instantaneidade em sua própria auto-destruição. A força simifica a autoridade, mas a violência não faz outra coisa senão destruí-la. Qual o meio, pois, de evitar que os países americanos tivessem que recorrer à violência para defender os principais históricos e culturais que nos regem? O meio não seria outro sendo aquele que já estávamos na mais pura tradição americana: o governo forte, autoritário. A iniciação não vinha de fora: vinha de Bolívar com passagem pelo "presidencialismo" ianque. E, se quisermos buscá-la em nossa própria formação, veremos que vinha de nós mesmos, isto é, do clan patriarcal e, principalmente, da chiefe de bandeira que representava, num primeiro ensaio de "self-government", um governo disciplinador, humano, capaz de manter inquietante a unidade de sua "cidadade em marcha".

\* \* \*

Há quem diga que os ideais pacifistas são angelicais, antibiológicos. A guerra é um fenômeno essencialmente biológico ("in not an absolute biological necessity") no dizer de Raymond Pearl. A teoria da aglutinação é de idêntico parcer: a vida desapareceria se não ocorresse a reprodução individual e, nos organismos coletivos, aglutinação que se realiza pela guerra. No Brasil, porém, todos sabemos que não se terá dado ainda a "degradação do potencial vital", em razão do qual surge a necessidade guerra.

A própria doutrina soreniana — baseada num "ricor" contra a decadência pelo refinamento e complexidade da civilização — pregava o retorno ao bárbaro ou instituído o sindicalismo para as "performances" da violência oficializada, é o fruto de uma enfermidade social que não ocorre, evidentemente, num mundo inaugural como é o nosso onde se processam tranquilamente as reformas que, em outros países, causavam rios de sangue.

Por circunstâncias que todos conhecemos, o brasileiro não sofre os problemas que identificam a ensanguentada paisagem material e espiritual da Europa. Não lhe cabe copiar esses problemas, pelo simples gesto maligno de trazer para aqui o ódio de raça, as desigualdades econômicas, o parlatório dos países superlativos, o drama, entristecedor do pão e do espírito, as ideologias sinistras — que se dignaram, hoje, no mais feroz

ajuste de contas de que o mundo já viveu. Nós os tempos temos a nossa, típicamente, o oposto a tudo isso. O nosso povo formou-se pela conciliação de todos os conflitos humanos numa forma de convivência, num estilo de vida que consiste em ter criado o máximo de felicidade social até hoje sonhado por teorias e projetos. Desde o primeiro momento, abrigou o nosso cei os oprimidos, os desajustados, os ultrados às práticas. A bondade brasileira é, por assim dizer, a base de nossa cultura.

\* \* \*

Em toda parte o que se vê é o brasileiro que recebe a gente com carinho, no seu rancho.

Deixar de nos oferecer qualquer coisa, uma laranja macota ou um café mesmo currapa ou marca três eis... capaz que um caboco fizesse isso. Nunca.

Como naquelas casas antigas, era que a quarta do hospede era uma coisa obrigatória, a maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça um pouso numa noite de chuva. Se quem não viajou pelo interior, onde há mais Brasil do que nas cidades, não terá observado esse costume que faz parte do sangue e que é uma forma viva de solidariedade social ou de individualismo corriginho pela bondade própria do brasileiro que nascem assim e que não muda mesmo.

Já a hospitalidade do nosso interior foi decantada por observadores, astutos como Jean de Ley.

Outra cronista que andou visitando a terra, no começo ainda das coisas, fala das idios que choram aos pés dos hospedes: maneira triste e alegra (no dito pitoresco de Fernand Cardim) de receber visitas.

Na Baía, conta ele que andou com quarenta pessoas sem coisa alguma de comer nem dinheiro; porém, onde quer que chegassem e a qualquer hora eram agasalhados com toda a gente de todo o necessário para comer. Em S. Paulo de Piratininga, a mesma coisa: 20 moradores foram a cavalo para recebê-lo. E obsequiaram-no tanto que ele chegou a exclarar: "nossa Senhor Deus, porque tanta caridade e amor? Em casos difíceis tinha-se até direito de casar P. R. (Príncipe Regente) e ninguém podia, então, recusar a hospitalidade. Não foi preciso tal liberdade pois na maior parte do interior de São Paulo (informa outro visitante) a hospitalidade é tão grande "que não nos deixaram pagar coisa alguma, parecendo que consideravam isso um tributo devido ao estrangeiro que constantemente recebe as mais significativas provas de bondade e benevolência". Nicolau Dreyfus, na sua notícias descriptiva da província do Rio Grande, nos conta o caso do sínio que serviu para avisar o viajante ou o desvalido da vizinhança que era hora do almoço ou do jantar: assenta-se quem quiser a essa mesa da hospitalidade. O dono, explicito o escritor, não deseja saber quem é o seu hóspede.

Beyer, o sueco ficou assustado com o costume de fazer presente de um objeto que a pessoa gosta. Na viagem a Minas, diz ele, encontrei um capitão Ferreira que montava bonito cavalo, de andar excelente e comendo por acaso o desse, queria ele presentear-me com o animal do que com muita dificuldade pude declarar".

Como se vê, o homem brasileiro não hospeda apenas; dá o que tem, muitas vezes, e não o faz rendo por aquele espírito de despreendimento que seria — como eu ia dizendo — o melhor corretivo do nosso individualismo econômico, em confronto com o individualismo burguês que tem feito a infelicidade de tantos povos.

Parece ainda que, em seu na-

realismo, mesmo já enriquecido pelo espírito e essa bondade brasileira que mais contribui para aquilo que poderíamos chamar nossa democracia sentimental. Situada a questão na "bondade natural" já havia sido o mito do "bon vivant" e entrado no maior movimento de ideias do século XVIII.

Transposta para um plano cultural, pudermos mesmo falar numa técnica de bondade, em contraposição à técnica da violência. E' a técnica de quem a bondade, consegue desarmar antagonismos, ou melhor, desfazer os tais "equilíbrios de antagonismos" a que aludem os sociólogos. Ao invés de relações antagonistas para construir o equilíbrio e, através desse equilíbrio, a harmonia social, o brasileiro é mediador necessário, o conciliador plástico entre todos os conflitos sociais, ideológicos, étnicos, econômicos; o árbitro entre nações desafiadas, no sentido de reconciliação.

Já no drama da conquista, "os capitães não perdiam por serem magnânimos e liberais". O bandeirante, ao contrário do que muita gente pensa, é o soldado pacificador do gentio", é o conquistador que se casa com a filha do morubimba, que assimila os processos culturais indígenas, que se faz, muitas vezes, chefe da tribo ou traz o selvícola pelo "caminho da paz".

Que faz hoje um noroamericano quando assiste a uma batalha? Apostar num dos contendores.

O brasileiro, ao contrário, interviene para "apazigar os ânimos". E' o "apartador de brigas" por excelência.

\* \* \*

Lembro-me de que Tristão de Almeida, em recente e luminoso ensaio, intitulado "Diretrizes do pensamento brasileiro", afirma: "O brasileiro vence e vencido pelo coração. Mas sabemos todos que o primado do sentimento é o mais perigoso das privilégios". A este última parte de sua observação oponha as palavras de Ramus: "est-ce qu'il n'y a pas un capital sentiment qui est naturel et qui, néançais utilisé, va demander à être utilisé?"

Outro escritor, Bertrand Russell, já por mim várias vezes citado a este propósito, pergunta: "não haverá um meio de 'fabricar' bondade para salvar o mundo do catástrofe que o espera"? Não haverá jeito de instaurar uma junta secreta de filósofos para descobrir o meio de criar bondade? Como arranjar um remédio que torna os homens menos ferros?

Roquette cita o alívio de Keith, que chama as supra-reais as glândulas de guerra. Já soube mesmo quem propusera, "para obter a paz na Europa — problema de alta importância e altíssima sociologia — a intervenção cirúrgica sistemática para diminuir os impulsos bélicos daquelas ginetes pugnaces". A biologia oficial de certos países procura, sob vários aspectos, responder à pergunta angustiada e trágica. No entanto, o caso brasileiro é bem outro. Aqui a esperança obriga a ser bom, na terra onde tudo é uma novidade. A facilidade da hierarquização pelo próprio esforço não deixa crescer o ódio. A liberdade de movimentos desemboca os gestos fecundos, convidando o homem a "largar a sua ruim natureza" — como já dizia o cronista. Fomos uns dos primeiros povos do mundo a abolir a pena de morte. O brasileiro não gosta da justiça "na dura", inflexível na aplicação da lei que condena o próximo. Amamos a equidade, que não é inventiva nossa mas que traduz a bondade no plano da justiça. A idéia de maléfica de inocentes, tão em voga, nos arrispa o céu. A última revolução, a

de dez de novembro, foi feita com incrível cordialidade", mas sem uma gota de sangue.

Não seria tão sem propósito, pois, uma pequena teoria da bondade brasileira, que ainda pretende garantir.

Seria uma bondade por temor de Deus, por ausência de atritos econômicos por mesticamento conciliador de ares psicológicas e raciais, por índole herdada do português, pela soma de tendências contrárias mas coincidentes na direção de certos objetivos, por euforia espacial, por sentimento de hospitalidade provinda do aborigine, por nenhuma filosofia sobre o destino. Seja lá pelo que for. Mas "bondade" como a sentiu Bertrand Russell, perguntai como salvar o mundo? e responde: pela bondade. Mas como salvar a bondade brasileira, contra um mundo enfermo, cruel, avançado de "quintais colunais", de quislings e de homens, ensandecido pela juventude de espécies vilas, dividido pelos ódios de raça e religião, corrompido pelos materialismos atrozes, mindado pelos determinismos de toda espécie? e que tripudia sobre todos os filhos do coração e da carne?

A bondade não existe o tempo. Ao contrário, o humor de ser bom faz parte daquele que nunca, de todos os lados, onde os canibais "se detestam cordialmente", não faz latas políticas e intelectuais, cujas comparsas "se entredeveram

de dez de novembro, foi feita com incrível cordialidade", mas no contacto puro e sincero com o Brasil no original.

\* \*

Bertrand Russell perguntai como salvar o mundo? e responde: pela bondade. Mas como salvar a bondade brasileira, contra um mundo enfermo, cruel, avançado de "quintais colunais", de quislings e de homens, ensandecido pela juventude de espécies vilas, dividido pelos ódios de raça e religião, corrompido pelos materialismos atrozes, mindado pelos determinismos de toda espécie? e que tripudia sobre todos os filhos do coração e da carne?

A bondade não existe o tempo. Ao contrário, o humor de ser bom faz parte daquele que nunca, de todos os lados, onde os canibais "se detestam cordialmente", não faz latas políticas e intelectuais, cujas comparsas "se entredeveram

## TERNURA PERIGOSA

Alphonsus de Guimaraens Filho

Há uma ternura perigosa que importa numa espécie de perigo antídoto a todas as implicações. Posso bem dizer isto, agora, quando acabo de relatar a "Casa Desfiliada" e a "Sala dos Passos Perdidos", do nosso Rodrigues de Abreu, e me vejo inclinado a aceitar totalmente os versos desse paulista de que nos trouxe uma tradição de homem purificado, o dr. Menotti do Pichón, no prefácio de "A Sala dos Passos Perdidos": "Rodrigues de Abreu é vivo, arrastando a sua humilde agonia pela terra, tão era mais do que uma alma. Uma alma pura, cristalina, scissivel, que se desnaçava em versos. Não gosto de dizer o nome, que tivessemos reconhecido. Subtudo, é um legítimo poeta que acrescentamos ao nosso museu. Sentimos-lhe a figura perfeita, apesar das influências e mesmo das suas deficiências, contrabalançadas por momentos da mais pura e mais alta poesia. Arrastando-se no mundo, quebrando a curva, humildemente, nemhuma revolta o dominava. Até, tentando a fonte de poesia que o Senhor ocultara em seu setor. Apesar uma vez se revoltou e foi para dizer ao Senhor e confessar:

"Ai de mim, Senhor, e que é que fizeste assim a mim? Que me fizeste assim sair da tua casa! Para o prazer brutal de ver-me [afogado] eu preciso, Senhor, viver também... [bem]..."

"Ai de mim, Senhor, e que é que fizeste assim a mim? Que me fizeste assim sair da tua casa! Para o prazer brutal de ver-me [afogado] eu preciso, Senhor, viver também... [bem]..."

Dante de semelhante poeta, podemos assumir uma atitude de quem se sente cansado de "implicaveis? Começo por pensar no César Augusto de Almeida, que escreveu, na sua vidinha melancólica em Bauru, onde trabalhava num cartório, depois a sua doença, o seu completo abandono à poesia... Eu não me esqueço desse poeta, tão cedo morto deixou-nos uma obra farta, mas que ainda assim não nos satisfaz de todo, apagado reflexo dessa grande alma. Morreu cedo, e só falei fato bastaria para que o lessemos com a maior ternura, igual à que me vence quando leio os versos na sua quase totalidade incompletas e imperfeitas do mineiro Artur França, desaparecido em Diamantina em 1902, com 22 anos incompletos.

Friga de uma fase de transição, sofrendo várias influências, bem visíveis nos seus versos, Rodrigues legou-nos uma obra irregular. Na "Sala dos Passos Perdidos", com exceção de pouquíssimos poemas, o poeta ainda não utilizou o verso livre. Virá a utilizá-lo, muito mais frequentemente, na "Casa Desfiliada", embora estivesse sempre vacilando entre a forma a escolher. Sinto-o muitas vezes meio sentado para manejar o verso-livre, afeiçado à metrificação. Não apenas no metro o poeta foi irregular (e que, aliás, lhe valoriza a poesia e o mostra capaz de se renovar, num

E' um momento forte, e que contrasta com a sua resignação constante, com os seus versos amedrontados ou então exaltados num sentido, num atitude de ressentimento e de humilde alegria. Isto é um momento passageiro, porque, quase sempre, o poeta mostra uma aceitação completa do seu destino. E toda a sua poesia se caracteriza por uma melancolia levemente infantil, uma docura transparente, um amor incontrável pela simplicidade. Tudo nesse poeta foi muito simples e as suas queixas tristes, antes de mais nada, uma sinceridade que o conduziu a deliciosas confidências. Ei ai escreverá:

"Eu irei para o céu, tenho a certeza... Estou livre de todo o meu pecado. Limpei-me até da minha impureza..."

E quando escreve:

"Ja perdi a beleza de sofrer. Minha tristeza vem de que mal fiquei..."

Foi-se o bem de ser doce sem saber...

Antes nunca soubesse que sou "sic"...

(Continua na Página 314)

# Iniciação num certo bem-querer -

Nunca me separei deste velho exemplar da "Corografia do Brasil". Vai para trinta anos, foi meu livro de aula. Tenho ainda boas frescas as emoções novas que ele me trouxe, iniciando-me num certo bem-querer. Em muitas das suas páginas, com sua amarelecida, encontro as palavras que eu tomava na classe: nomes de rios e montanhas que o professor acrescentava ao texto: nomenclatura de estatística, páginas corrigidas; ou esclarecimentos deste gênero: "Ungu é uma fruta sertaneja saborosa" (um espírito de Pernambuco).

Quando me alista agora, perdi as gravuras (tantas vezes riscadas e impregnadas) que eram o texto. Relendo estas páginas e as notas manuscritas que fiz quando adolescente, pareço que recém-vim os mesmos dias à sala do colégio, com os mesmos atentos ou distraídos olhos, carregadas de humor e o professor — sempre de vez arrastada e olhos fechados — a explicar o Brasil.

do Sul, o Norte me lembra como família, da qual eu não está longe. Como me encanto-me hoje sobre o Rio Cachoeirinha!

E o Rio Amazonas, a foz do Rio Negro, e numerosas cidades pela águia tranqueira vontade de partir para dentro. Noutro lado, os Mucans. Na Avenida Rio Branco vai passando o Rio, puxado por um vento. Transsuntos atravessam a vinda, uns em mangas de saia, outros de guarda-sol. Estariam mortos essas pessoas? Nem sonharam que uma fotografia de cada local espalhou pelo mundo a imagem do seu movimento, numa tarde de calor equatorial.

No Festejo do Pará, a cidade

de Bragança oferecia aos meus olhos uma rua chamada Senador Pinheiro. Casas baixas e meninos à porta, brincando. Como eu naquele tempo, deviam brincar também de barra-manteira, de pegador, de amarelinha, de selas e de chicote-quemadu. Ainda no capítulo do Pará, muito me impressionava o panorama de Macapá, à beira do rio: tantas palmeiras! As palmeiras que eu chamava indistintamente coqueiros davam à minha infância o aroma das terras sertanejas; vegetação que provava quanto o Brasil se parecia, do Norte até o Sul; pois naquela boa cidade de Santos havia também palmeiras, das quais as mais beias eram as imperiais, na beira da praia de Ilororó. Eu sentia, sem saber explicar porque, que os coqueiros todos do Brasil deviam estar de acurro, trocando confidências no vento. Esse Estado do Pará alias, tinha lagos de nomes curiosos: Unapau, Surubuí, Urubuquara, d'El Rey e Arari. Entre os nomes indígenas aquele "d'El Rey" era como um grito da amorosa conquista lusitana, marcando o nosso povo na terra o resto da vida.

Vem depois o Maranhão. Não sei quantos habitantes agora tem o Ceará. Naquele tempo tinha 15.000. O professor dizia que o Maranhão era pobre, mas isso para mim não era argumento. O Maranhão tinha sido rico, tanto que os franceses haviam querido ficar com ele. Era porto agora? Não fazia mal. Descrêveram S. Luiz, o compêndio informava: "Numa das formosas praias ergue-se a estatua do insigne e malogrado poeta lírico Gonçalves Dias...". Tinha morrido num naufrágio, eu sabia. D. Pedro II gostava dele; mandara-o conhecer a Europa. Eu também havia de ir à Europa. Eu também havia de cantar a minha terra.

O Piauí despertava o meu orgulho bairrista. São Paulo tinha chegado só lá. O livro rezava: "O Piauí foi conhecido e explorado pela primeira vez, em 1674, pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, que ansiava cacauinhos indígenas com o fim de estravilhos e trazé-los para S. Paulo. A razão de tão distantes andanças pelo sertão do Norte era pouco decente, mas, que e que se havia de fazer?" Depois, índio não era manso, não. Negócio bom, mas perigoso. Domingos Jorge Velho estava abselvido de culpas, porque fora homem de coragem. Agora, havia na margem do Paraíba uma capital, Teresina, com palácio de governo e delegacia fiscal. Das outras cidades do Piauí, havia uma que me inspirava um afeto especial: "Outras, capitais do Estado ate 1852, época em que, perdendo esta prerrogativa, tornou-se uma cidade triste, sem vida e sem animação comercial, posta que o município seja de uma riqueza prodigiosa para todo gênero de criação e mesmo para a cultura de algodão, cana-de-açúcar e tabaco". Naquela cidade triste devia haver muitas tristes. Com certeza sem novo, mesmo quando tivessem dote fezendas desertas, sem plantação e sem gado.

Na capital do Ceará havia uma praça simplicissima: praça dos Márcores; e nessa praça, o Hotel de França. O nome das serras era delicioso: Cariri Novos, Crateús, Araripe, Camarã, Apodi... Nomes de santos também: S. Joaquim, Santa Rita, S. Pedro, S. Estevão. O mais musical de todos era Baturité. Parecia plô de passarinho: Baturité! As secas matavam o gado e matavam os sertanejos. Não havia um meio de fazer muitos acudes e acabar com elas? O livro falava de "riquezas minas de ouro na serra de Uruburetama e nos municípios de Pacujá e Muquém". Logo, se o governo quisesse, tiraria

o ouro da serra de Uruburetama e fazia as águas.

Não me parecia muito entusiástico o meu compêndio no tocante ao Rio Grande do Norte. A informação a respeito de Natal, por exemplo, era um tanto desenhosa: "Tem alguns edifícios públicos de certa importância; uma fábrica de fiados e tecidos, de algodão e outra de sabão". Era pouco, sem dúvida. Parecia que o autor estava com delicadeza ao falar desses alguns edifícios públicos de "certa" importância. Ele o que estava pensando é que o Natal não valia nada. Mesmo porque, continuava: "... salvo o sal e o açúcar, que são objeto de grande comércio, as operações comerciais são escassas". Entretanto, o Rio Grande do Norte possuía a cidade de nome mais bonito de todo o Brasil: Jardim do Seridó. O livro dizia só Jardim; mas o professor, homem exato, me fizera acrescentar a tinta o complemento: do Seridó. Além disso, à margem da única fotografia do porto de Natal (com um edifício chato e quadrado, provavelmente a Almada), a mão do estudante anotou este lembrete: "Fundada por Mílias de Albuquerque em 1839". O valente. O dia briga com os holandeses. Natal podia ter um portozinho mercantil; e o seu comércio podia ser escasso; mas guardava no seu chão a planta dos Albuquerques. Os descendentes deviam andar por lá ainda: talvez funcionários daquela Almada; mas haviam de ser os mesmos Albuquerques, para o que desse e viesse.

Na Paraíba existia um rio que dava a impressão de grito de vitória no campo de futebol do colégio: Manganguape. Quando o juiz do "match" marcava o fim do jogo, tinhamos a certeza de triunfo: Aleluia, guia! Manganguape podia servir para exprimir os mesmos sentimentos: Manganguape, guape, guape! Canto bellissimo. De resto era a terra (dizia o compêndio) "do famoso e intrépido Pirabá", o chefe indio alíado dos franceses. Que missangas bonitas teriam tradição os homens barbudos e louros de Honfleur e Dieppe? Afinal, Pirabá acabou ficando de bem com os portugueses. Nessas fases políticas devia andar negócio de casamento com índia. Francês trazia espelho e mísseis, mas português tinha novo jeito de arranjar as coisas.

Pernambuco me deslumbrava pela sua história. Aquelas simples eugenias de cana, de 1528, num instante cresceram; e num instante já havia ali "gente muita", um povo de verdade. Pouco mais tarde, não houve holandeses que se aguentasse por lá. Pernambuco, para mim, era a valentia. Desde a escola primária que os meus professores me haviam ensinado: o povo brasileiro é valente. Porem, por associação de idéias com invasão holandesa, Felipe Camarão e também um cozinhheiro que eu conheci, chamado Fabriciano (minha avó dizia que era homem terrível, um "pernambucano"), a ideia de valentia brasileira sempre se identificou em meu espírito de menino, com a ideia de Pernambuco. Valente, de padres, de senhores de engenho, de homens do povo, de libertários, de mártires públicos e de capoeiras, tudo fazendo um corpo só com as slabas ameaçadoras. Per-nam-bu-co.

Havia, porém, a Serra das Moças em Pernambuco. A Serra das Moças, por que e que se chamava assim? Alguma história de rapto, como a das Sabinas? Para fazer encantação na Serra das Moças (e elas aparentemente, envoltas em véus, no lar da serra), devia bastar a repetição dos nomes de rios pernambucanos, nomes de felicidade: Tracunhém, Capiberibe, Beberibe, Pernambuco, Mundaú, Pacujá e Muquém. Logo, se o governo quisesse, tiraria

Ribeiro Couto  
(Da Academia Brasileira)

## Galeria de nomes ilustres



Aurélia de Lima, poeta e jornalista, parlamentar e mestre de Direito. No dia 22 passou a vida de seu falecimento, ocorrido em 1934.



Vicente de Carvalho, o grande báculo de Boa Rasa de Amor. Suas datas de nascimento e morte passaram este mês, e primeiramente no dia 5 e segundo no dia 27.



José Péresman, crítico dos mais autorizados que o Brasil tem possuído. Nasceu no dia 8 de abril de 1857, em Óbidos, no Pardo.



José do Rio, engenheiro eminente, diretor-treasoureiro do Jornal do Brasil. Aracaju de aparecer, em segunda edição, O Combustível na Economia Universal, de sua autoria, liro basico da cultura brasileira.

# DIRCEU E MARÍLIA - Alfonso Arinos de Melo Franco

## (SCENA FINAL)

**GONZAGA** (depois de alguns instantes de reflexão)

Está bem, meu amigo,  
Estou ao seu dispor. Posso falar a Helena?

### O OFICIAL

Na minha vista, sim. Creia que tenho pena  
De usar de tal rigor, mas a instrução que trago.  
E' que me faz cumprir este dever onmargo,  
Seus tristes e papéis serão arrancados,  
A casa ficará guardada por soldados,  
Só poderá levar a roupa que vestir...

**GONZAGA** (interrompendo-o)

Pois ainda prefiro isto tudo a fugir!  
Os meus tristes não contam, e os papéis guar-  
[dados]  
São simples versos, pobres versos ignorados  
E de nenhum valor, a não ser para mim  
E' para aquela que os inspira... Mesmo assim  
Sinto vê-las entregues a maledicentes  
Leitores ou confiados a indiferentes  
Empregados que os meterão pelos arquivos...

Mas, embora ignorados, são pedaços vivos  
Do amor que fez de mim um poeta brasileiro...

(A Helena)

Helena, vou partir para longe e o primeiro  
Encargo que te deixo é cuidar da senhora;  
Consegui acalmá-la e está dormindo agora  
Como uma criancinha... Assim que ela acordar  
Dize-lhe que parti, mas que espero voltar,  
Que não me despedi para evitar-lhe a cena  
A que estás assistindo, minha boa Helena.

[forte]

Diz-lhe também que me entreguei de ânimo  
Que a levo dentro do meu peito e até à morte  
Guardarei com fervor sua amada lembrança  
Que é mais que uma saudade, pois é uma

[esperança]

Qualquer que seja a direção da minha vida  
Pairará sobre mim sua imagem querida  
Como uma estrela, que a brilhar no céu distante  
Oriente, sem saber, a rota do viajante...  
Se acaso eu não voltar, fica sempre com ela  
Por todo o resto dos teus dias... cuida dela  
Como de mim cuidaste... Adeus Helena,

[adeus...]

**HELENA** (ajedrezada junto ao pregúncio)

Ai! meu senhor! Ide com Deus; voltai com Deus!

(O oficial passa as algemas em cima  
deu e juntou a seu capote sobre as  
mãos. Gonzaga vai até à porta e  
quando abre-a com cuidado vê, da noite,  
olha longamente Marília adormecida.  
Em seguida se dirige à porta de cima.  
Quando esta se abre aparecem outras  
síndias, que estavam das latas, de jaca.  
Está nascendo o sol.)

### GONZAGA

O sol nasce... Que belo! Esvoa-se a treva, e o dia  
Em breve há-de surgir. Que importa a frioz  
Que tem no crime e na opressão o seu poder?  
Nada pode impedir o sol de aparecer!

(Cai a pena lentamente, erguendo  
Gonzaga ao alto no mato de rosas  
e Helena continua de joelhos, rezando.)

### ANO FINAL

## Um poema de Alfonso Arinos de Melo Franco

Alfonso Arinos de Melo Franco é um dos espíritos mais poderosos da atual geração brasileira. Professor e jornalista, em sua cadeira e em sua coluna diária vem ele criando a sua obra e alguns dos seus livros constituem verdadeiras colunas-mestras do nosso pensamento, hoje em dia. Está nesse caso, por exemplo, o seu livro sobre o selvagem brasileiro, obra indispensável a todos os estudiosos do Brasil e da América, e na qual ele nos demonstra o grande reflexo que na evolução das ideias filosóficas e sociais da Europa teve o aborigen americano.

Agora, Alfonso Arinos de Melo Franco publica o seu lindo drama, em 3 atos, *Dirceu e Marília*

(Livraria Martins Editora, São Paulo). Construído em versos alexandrinos, de uma fluidez rara, esse livro ficará como uma nota à parte, comovida e poética, na obra do publicista.

De Dirceu e Marília reproduzimos aqui algumas das normas



## TERNURA PERIGOSA

(Continuação da página 213)

Sente-se que é um outro momento especial do poeta e que este amava a vida ("A minha vida"), página 39, e ("A minha vida"), página 31, ambos de "A Sala dos Passos Perdidos", mesmo com todas as suas adversidades.

Poderia falar ainda da sua ironia

que, embora como sonhadora, não deixa de participar da sua maneira de viver. Recordemos que Rodrigues não hesitou em incluir num dos seus mais belos poemas — "Mar Desconhecido" — estes versos aguinhassudos:

"Descobriria um mundo desconhe-

cido

Para onde fossem os japoneses  
Que seiam em vir para o Bra-

sil..."

Um poeta como este terá sempre os seus amigos fiéis. A irremediável de sua vida completou-se na poesia e é nela que encontraremos o homem docemente melancólico que foi Rodrigues de Abreu. Nem mais resgatremos a perigosa ternura. Que ria nos domine. Não importa. Aceitaremos o poeta sem indecência e o teremos como um novo afflito, para sempre. Um amigo que nos trouxe, com a sua poesia, uma ilha de infância e de humildade de alegria.

Belo Horizonte, abril de 1942.

sas Ilustrações de Luiz Jardim, que lhe ilustram o texto. E damos, acima, o episódio final do poema, que é o da prisão de Gonzaga.



## Efemérides da Academia

### 14 DE ABRIL

1845 — Nascimento, em Sabará, Minas, de Júlio Ribeiro, patrono da cadeira n. 24.  
1911 — Falecimento de Heráclito Graça.  
1936 — Eleição do sr. Pedro Calmon, na vaga de Félix Pacheco.

### 19 DE ABRIL

1836 — Nascimento, nesta capital, de Joaquim José da França Junior, patrono da cadeira n. 12.  
1940 — Falecimento, em Petrópolis, de Luiz Guimarães Filho.

### 20 DE ABRIL

1839 — Nascimento, em Alagoas, de Tavares Bastos, patrono da cadeira n. 35.  
1849 — Nascimento, nesta capital, do Barão do Rio Branco.  
1927 — Recepção do sr. Olegário Mariano, pelo sr. Gustavo Barroso.

### 21 DE ABRIL

1851 — Nascimento, em Sergipe, de Silvio Romero.

### 22 DE ABRIL

1924 — Falecimento, em Santos, de Vicente de Carvalho.  
1934 — Falecimento, nesta capital, de Augusto de Lima.

### 23 DE ABRIL

1815 — Falecimento, em Lisboa, do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, patrono da cadeira n. 11, do quadro das correspondentes.  
1831 — Eleição de Alcântara Machado, na vaga de Silva Ramos.  
1934 — Falecimento, nesta capital, de Gregório Fonseca.  
1940 — Falecimento, em Lisboa, do correspondente Alberto d'Oliveira.

### 25 DE ABRIL

1852 — Falecimento de Álvares de Azevedo, patrono da cadeira n. 3.  
1922 — Falecimento, em Paris, do correspondente Jean Finot.

### 26 DE ABRIL

1863 — Falecimento, em Portugal, de João Francisco Lisboa, patrono da cadeira n. 18.

### 27 DE ABRIL

1754 — Nascimento, na Baía, de Alexandre Rodrigues Ferreira.  
1829 — Nascimento de Herbert Spencer, que foi membro correspondente.

### 28 DE ABRIL

1829 — Nascimento, em Santiago do Chile, de Guilherme Blest Gana, que foi correspondente.  
1857 — Nascimento, em Palmácia de Saquarema, de Alberto de Oliveira.  
1926 — Inauguração no Jardim da praia do Russell, do busto de Alberto de Oliveira.  
1937 — Sessão pública em homenagem à memória de Alberto de Oliveira.

### 29 DE ABRIL

1870 — Nascimento, em Pati do Alferes, de Osorio Duque Estrada.  
1937 — Eleição do sr. Barbosa Lima Sobrinho, na vaga de Goulart de Andrade.

### 30 DE ABRIL

1804 — Nascimento, em Pernambuco, de Antônio Peregrino Maciel Monteiro, patrono da cadeira n. 27.